



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS DE IMPERATRIZ/CCIm
UNIDADE PROF. JOSÉ BATISTA DE OLIVEIRA
CURSO DE PEDAGOGIA

ERICA SABRINA DE JESUS SOUZA

**MEMORIAL DE UMA MÃE-ACADÊMICA: narrativas da formação entre os muros
da universidade e da maternidade**

IMPERATRIZ/MA

2024

ERICA SABRINA DE JESUS SOUZA

**MEMORIAL DE UMA MÃE-ACADÊMICA: narrativas da formação entre os muros
da universidade e da maternidade**

Memorial apresentado como trabalho de conclusão de curso de Pedagogia da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), campus Imperatriz, Unidade Prof. José Batista de Oliveira, como parte das exigências para a obtenção do grau de Licenciatura Plena em Pedagogia.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Camila Rodrigues Viana

IMPERATRIZ/MA

2024

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

de Jesus Souza, Erica Sabrina.

MEMORIAL DE UMA MÃE-ACADÊMICA : narrativas da formação
entre os muros da universidade e da maternidade / Erica
Sabrina de Jesus Souza. - 2024.

50 p.

Orientador(a): Camila Rodrigues Viana.

Monografia (Graduação) - Curso de Pedagogia,
Universidade Federal do Maranhão, Imperatriz, 2024.

1. Memorial. 2. Maternidade. 3. Vida Acadêmica. 4.
Universidade. 5. . I. Rodrigues Viana, Camila. II.
Título.

ERICA SABRINA DE JESUS SOUZA

**MEMORIAL DE UMA MÃE-ACADÊMICA: narrativas da formação entre os muros
da universidade e da maternidade**

Memorial apresentado como trabalho de conclusão de curso de Pedagogia da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), campus Imperatriz, Unidade Prof. José Batista de Oliveira, como parte das exigências para a obtenção do grau de Licenciatura Plena em Pedagogia.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Camila Rodrigues Viana

Aprovada em: 16/09/2024

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Camila Rodrigues Viana-UFMA (Orientadora)
Universidade Federal do Maranhão (CCIm/UFMA)

Prof^a. Dr^a. Carla Bastiani- IFTO (Examinadora)
Instituto Federal do Tocantins (IFTO)

Prof^a. Dr^a. Herli de Sousa Carvalho -UFMA(Examinadora)
Universidade Federal do Maranhão (CCIm/UFMA)

IMPERATRIZ/MA

2024

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pelo Seu cuidado, por me permitir vivenciar tudo isso e por me guiar e sustentar em todos os momentos.

Aos meus pais, Edmilson Marques de Souza e Maria das Dores Gomes de Jesus, por sempre me apoiarem, incentivarem meu crescimento e por me proporcionarem o melhor em todas as circunstâncias. Amo muito vocês.

Aos meus filhos, Loren Sophie e Liam, por darem um novo significado à minha existência. É por vocês que busco sempre o melhor e me esforço para nunca desistir.

À minha madrastra, Marluce dos Santos, por me oferecer suporte sempre que pôde.

Aos meus amigos de infância, Iarley Teles e Walisson dos Santos, por estarem ao meu lado em tantos momentos difíceis da minha vida.

Aos amigos que a universidade me proporcionou — Ananda Fernanda, Paulo Matos, Viviane, Adriana Silva, Maria Bianca Lima, Maiara Soares e Ana Clara — minha profunda gratidão por compartilharem comigo momentos inesquecíveis, por transformarem essa caminhada em algo mais leve, por me apoiarem durante minha trajetória acadêmica e pelos momentos de descontração que fizeram toda a diferença.

À minha querida e maravilhosa amiga, Débora Pamela, por estar sempre ao meu lado, incentivando-me, trazendo alegria à minha vida e me ajudando nos momentos mais difíceis.

À professora Herli Carvalho, por quem tenho uma enorme admiração, grata pelos abraços tão significativos que me proporcionou.

Ao professor José Batista de Oliveira, *in memoriam*, pela significativa contribuição à minha formação acadêmica, pelos ensinamentos e pela paciência. Minha eterna gratidão.

À minha orientadora, Camila Rodrigues, por ter me encorajado a narrar sobre minha trajetória como mãe no contexto acadêmico e me apoiado para que eu não desistisse do meu sonho de concluir minha graduação.

Por fim, gostaria de expressar minha gratidão a todos que contribuíram de alguma forma para que eu pudesse concluir mais este ciclo da minha vida.

RESUMO

O ingresso na Educação Superior é repleto de desafios, especialmente para as mulheres que precisam conciliar a maternidade com a vida acadêmica, desempenhando múltiplas tarefas. Com efeito, o presente memorial acadêmico objetiva-se narrar minha trajetória como estudante do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Maranhão ao conciliar as demandas da maternidade com a vida acadêmica, bem como refletir sobre as experiências vivenciadas com a maternidade no contexto acadêmico desde o ensino remoto ao presencial ; analisar o percurso de uma mulher entre as funções de mãe e universitária e identificar as possibilidades e/ou limitações que a universidade adota para acolher mães- estudantes e seus filhos. Esta pesquisa trata-se de uma abordagem autobiográfica, utilizando escritas narrativas. As experiências compartilhadas contribuem para inspirar mudanças no acolhimento de mães- universitárias dentro das universidades e novas investigações que continuem a explorar e valorizar as experiências de mulheres que, como eu, equilibram a maternidade na busca de uma ascensão social e formação.

Palavras-chave: Memorial. Maternidade. Vida acadêmica. Universidade.

ABSTRACT

Entering higher education is full of challenges, especially for women who need to balance motherhood with academic life, performing multiple tasks. In fact, this academic memorial aims to narrate my journey as a student of the Pedagogy course at the Federal University of Maranhão in reconciling the demands of motherhood with academic life, as well as reflecting on the experiences lived with motherhood in the academic context of remote and in-person teaching; to analyze the path of a woman between the roles of mother and university student and to identify the possibilities and/or limitations that the university adopts to welcome mothers-students and their children. This research is an autobiographical approach, using narrative writings. The shared experiences contribute to inspiring changes in the reception of mothers-university students within universities and new research that continues to explore and value the experiences of women who, like me, balance motherhood in the search for social advancement and education.

Keywords: Memorial. Maternity. Academic life. University.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
COVID-19	Coronavirus Disease19
COE	Comitê Operativo de Emergência de Crise
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
IES	Instituições de Ensino Superior
MEC	Ministério da Educação
PIBID	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência
SISU	Sistema de Seleção Unificada
SESU	Secretaria de Educação Superior
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
UFMA	Universidade Federal do Maranhão

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Aula Inaugural da Turma de 2018.2 do curso de Pedagogia do período matutino .	18
Figura 2: Equipe da Comissão Organizadora no cadastramento das oficinas.....	19
Figura 3: Imagem do vídeo produzido para a atividade da disciplina de Arte e Educação	27
Figura4: Loren Sophie(filha) na aula da disciplina de Corporeidade e Educação na Brinquedoteca.....	36
Figura 5: Encerramento do Estágio dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, apresentação das atividades desenvolvidas durante esse período.	38

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
1 IDENTIDADE DE UMA MÃE UNIVERSITÁRIA.....	11
1.1 Trajetória de vida: familiar e social.....	11
1.2 Percorso escolar.....	13
1.3 Ingresso na Educação Superior: realização de um sonho.....	18
2 PANDEMIA, ENSINO REMOTO E MATERNIDADE: REVIRAVOLTA NA FORMAÇÃO	23
2.1 Ser mãe acadêmica em tempos de ensino remoto.....	24
2.2 A maternidade e as mudanças no ensino: de aulas remotas ao híbrido.....	31
3 UMA GESTAÇÃO DUPLA: MATERNIDADE X TCC.....	39
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	45
REFERÊNCIAS.....	48

INTRODUÇÃO

O ingresso na Educação Superior apresenta inúmeros desafios, especialmente para as mulheres que precisam conciliar a maternidade com a vida acadêmica, desempenhando múltiplas tarefas. A jornada dessas mulheres é marcada por uma constante busca por equilíbrio entre os papéis de mãe e estudante, o que exige delas um esforço adicional para alcançar sucesso em ambas as esferas.

O presente trabalho, em formato de memorial, teve como objetivo narrar minha trajetória como estudante do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Maranhão ao conciliar as demandas da maternidade com a vida acadêmica, bem como refletir sobre as experiências vivenciadas com a maternidade no contexto acadêmico desde o ensino remoto ao presencial; analisar o percurso de uma mulher entre as funções de mãe e universitária e identificar as possibilidades e/ou limitações que a universidade adota para acolher mães-estudantes e seus filhos. Dessa forma, buscou-se responder a seguinte questão problema da pesquisa: Quais os desafios enfrentados ao conciliar as demandas da maternidade com a vida acadêmica?

Para isso, utilizei a narrativa (auto)biográfica, que, conforme Frison e Simão (2011, p. 198), "[...] é uma abordagem que possibilita aprofundar a compreensão dos processos de formação." Ao fazer uso dessa narrativa, pude me apropriar da minha própria história, refletindo sobre as experiências vividas e os aprendizados adquiridos ao longo dessa jornada. Através dessa reflexão, reconheço a importância de dar voz às minhas vivências, valorizando a trajetória pessoal e acadêmica que me trouxe até aqui.

A construção deste trabalho, por meio da abordagem autobiográfica, permitiu-me narrar os acontecimentos significativos ao longo da minha trajetória de vida e, ao mesmo tempo, possibilitou a ressignificação dessas experiências. Neste memorial, discorro sobre os caminhos conflitantes ao vivenciar a maternidade enquanto estudante. Assim, a utilização do gênero memorial de formação, conforme Serpa e Silva (2010, p. 79), "além de ser crítico e autocrítico, é também um pouco confessional, apresentando paixões, emoções e sentimentos inscritos na memória." A escolha por esse gênero memorial de formação é uma oportunidade de refletir sobre os desafios e conquistas que marcaram essa trajetória.

O interesse em desenvolver o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) no formato de um memorial surgiu a partir das minhas experiências durante a construção do relatório do Estágio Supervisionado da UFMA, elaborado em formato de memorial de formação. Um fator significativo para a escolha do tema da pesquisa foi minha experiência pessoal e as inquietações

geradas ao vivenciar a maternidade no contexto acadêmico, especialmente no que diz respeito à conciliação das demandas de ambas as esferas.

Ao rememorar as experiências vividas, consigo compreender melhor o impacto que a maternidade teve na minha formação e como essa condição moldou minha identidade como estudante e futura profissional. A escrita deste trabalho me proporcionou não apenas um espaço de expressão, mas também de autoconhecimento, permitindo que eu enxergasse a força e a resiliência que emergiram em meio às adversidades.

As experiências compartilhadas contribuem para inspirar mudanças no acolhimento de mães-universitárias dentro das universidades e novas investigações que continuem a explorar e valorizar as experiências de mulheres que, como eu, equilibram a maternidade na busca de uma ascensão social e formação.

De acordo com Nóvoa (2001, p.4), “a experiência, por si só, pode ser mera repetição, uma mera rotina, não é ela que é formadora. Formadora é a reflexão sobre essa experiência, ou a pesquisa sobre essa experiência”. Diante disso, meu desejo é que este memorial sirva como uma voz para as mães acadêmicas que enfrentam as mesmas dificuldades. É um passo em direção à criação de um ambiente educacional mais justo e acessível para todas as mulheres, independentemente das circunstâncias. Como base teórica têm-se os autores como Alves (2015), Oliveira (2022), Viana (2016), Passegi (2011), Pimenta e Lima (2006) e Josso (2007), para fundamentar as narrativas autobiográficas.

O presente trabalho está estruturado em três capítulos e uma seção de considerações finais. No primeiro capítulo, apresento minha trajetória de vida pessoal, meu percurso escolar e o ingresso na educação superior. No segundo, descrevo a reviravolta na minha formação, abordando a pandemia, o ensino remoto e a maternidade. No último capítulo, venho discorrer sobre o TCC e a maternidade, enfatizando a relação entre eles e os desafios enfrentados na construção do trabalho. Para mim, esse processo foi como viver uma gestação dupla, devido ao esforço e à dedicação que exigiu. Sendo assim, a finalização do TCC representou um momento tão significativo quanto o nascimento de um filho. Por fim, trago as considerações finais, onde faço um levantamento dessa minha trajetória, refletindo sobre as dificuldades enfrentadas no processo ao vivenciar a maternidade enquanto estudante do curso de Pedagogia.

1 IDENTIDADE DE UMA MÃE UNIVERSITÁRIA

Narrar sobre nossas experiências é um processo complexo que nos leva a rememorar acontecimentos e fatos ocorridos em um determinado momento de nossa vida. Diante disso, Passeggi (2011, p. 147) enfatiza que, “ao narrar sua própria história, a pessoa procura dar sentido às suas experiências e, nesse percurso, constrói outra representação de si: reinventa-se”.

Nessa perspectiva, a construção do memorial assegura a construção da nossa identidade pessoal e profissional através das memórias, e assim, ao explorá-las, nos ressignificamos. No entanto, para que isso aconteça, é necessário que o memorial seja bem elaborado, com informações consideradas relevantes que levaram à evolução do autor da obra. Oliveira (2012, p. 121) comenta o memorial como sendo um “[...] documento escrito relativo à lembrança, à vivência de alguém; memórias. Deve conter um breve relato sobre a história de vida pessoal, profissional e cultural do memorialista; por isso mesmo é escrito com o uso da primeira pessoa”. A escrita em primeira pessoa não é apenas uma escolha estilística, mas uma estratégia que permite ao autor expressar sua voz e perspectiva única. Essa abordagem favorece uma conexão mais íntima com o leitor, proporcionando um espaço para a exploração das emoções, reflexões e vivências que moldaram a identidade do autor.

Segundo Alves (2015), as experiências que adquirimos ao longo de nossa vida são essenciais para a construção de nossa identidade e percepção do que somos e nos tornamos. Partindo desse pressuposto, apresento um pouco da minha trajetória de vida, onde passei por muitos obstáculos, desafios e conquistas, que foram importantes para chegar até aqui e me tornaram quem sou hoje.

O modelo de pesquisa adotado para esse trabalho, que é (Auto)biográfico, faz com que o sujeito reflita sobre suas experiências, trazendo à tona momentos considerados significativos na sua vida e que são relevantes para a construção de sua identidade e formação. Sendo assim, neste capítulo, irei narrar sobre minha identidade pessoal, apresentando minha trajetória de vida, contexto familiar e social ao qual faço parte, além do meu percurso escolar até o ingresso à Educação Superior.

1.1 Trajetória de vida: familiar e social

Meu nome é Erica Sabrina de Jesus Souza e nasci na cidade de Imperatriz, Maranhão, no dia 30 de janeiro de 1990. Sou filha de Edmilson Marques de Sousa e Maria das Dores

Gomes de Jesus, e tenho quatro irmãos, três deles de outros relacionamentos. Sou mãe solo de duas crianças: Loren Sophie e Liam.

Meus pais, ao se casarem, passaram a morar na zona rural do Maranhão, em um povoado próximo à Imperatriz. E assim, acabei vindo nascer na cidade de Imperatriz-MA. Nesse povoado, morávamos em uma casa de taipa e não tínhamos quase nada. Meus pais trabalhavam na roça praticamente todos os dias para manter nosso sustento, passamos muitas dificuldades enquanto estávamos lá. Depois de cinco anos após meu nascimento, nos mudamos definitivamente para a cidade de Imperatriz em busca de condições melhores de vida e com o objetivo de que eu e meus irmãos pudéssemos estudar.

Filha de pais de origem humilde e que só cursaram até a quarta série do ensino fundamental, atualmente separados, mas que sempre incentivaram seus filhos a estudarem. Minha mãe sempre repetia que o estudo era o único bem valioso que ninguém jamais iria nos roubar, a mesma sempre foi nossa maior incentivadora.

Minha mãe nasceu no interior do Ceará e depois veio juntamente com sua família para o Maranhão, morar numa cidade chamada Anapurus/MA, atrás de uma vida melhor. Minha avó veio a falecer muito nova, quando minha mãe tinha por volta de 9 anos de idade, então ela e suas irmãs começaram a assumir as tarefas domésticas após isso. Meu avô era muito rígido e, para conseguir comprar as coisas que queria, ela teve que começar a trabalhar nas casas de família, mesmo ainda sendo uma criança.

Ela nos relatava que, quando era nova, tinha muita vontade de estudar para ser “alguém” na vida, mas seu pai a proibia, pois dizia que não tinha condições de bancar esse luxo. E por não ter apoio do seu pai é que ela sempre nos incentivava a não desistir dos estudos, pois só assim poderíamos conseguir um futuro melhor, já que nossa família era muito pobre.

Sendo assim, é importante ressaltar que o contexto social em que estamos inseridos nos ajuda a construir nossa identidade, estão interligados. As experiências que adquirimos individualmente ou por meio do coletivo colaboram para isso, fazem parte do nosso percurso de formação.

Um momento que marcou profundamente minha vida foi quando minha mãe me presenteou com um livro e assim me incentivou, desde pequena, a criar o hábito da leitura. Lembro-me claramente que ela trabalhava na casa de família e seus patrões tinham filhos pequenos que possuíam alguns livros que seriam descartados, então minha mãe pediu um deles para mim. Nunca esqueci de quando a vi chegando em casa com o livro “A Bela e a Fera”, me senti tão feliz, que ainda hoje é uma das minhas melhores lembranças.

Já meu pai era natural de uma cidade chamada Santa Rita, também do interior do Maranhão, e próxima à cidade em que minha mãe morava. Ele também teve uma infância conturbada, principalmente devido às circunstâncias envolvendo minha avó. Minha avó, por ser mãe solo e em decorrência de alguns traumas vividos, desenvolveu problemas mentais, o que levou meu pai, como filho mais velho, a assumir a responsabilidade pela casa e os cuidados de seus irmãos. Resultando no abandono dos estudos por parte dele, precisando trabalhar desde cedo para poder sustentá-los. Durante sua infância e adolescência, ele relata ter enfrentado muitos sofrimentos e dificuldades.

Apesar de possuírem poucos recursos financeiros, meus pais sempre se esforçaram ao máximo para garantir que não nos faltasse nada e buscaram proporcionar o melhor para nós. Isso me motiva a perseguir meus objetivos, sendo um deles obter meu diploma universitário e o outro estabelecer-me financeiramente, preferencialmente por meio de um concurso público. Desejo assegurar-lhes um futuro mais confortável como forma de retribuir tudo o que fizeram e continuam fazendo por mim, além de proporcionar uma vida melhor para meus filhos.

Na próxima seção, relato meu percurso escolar, desde a educação infantil até o ensino médio, destacando os desafios enfrentados ao longo dessa jornada acadêmica. Cada etapa foi marcada por experiências que não só moldaram minha identidade acadêmica, mas também me transformaram pessoalmente, à medida que enfrentei obstáculos e celebrei conquistas. Esse percurso foi mais do que a aquisição de conhecimentos, foi um processo de autodescoberta, perseverança e superação.

1.2 Percurso escolar

Minha trajetória escolar ocorreu exclusivamente na rede pública de ensino na cidade de Imperatriz/Ma. Da minha fase na educação infantil tenho poucas memórias. Estudei o Jardim I e Jardim II, na Escola Municipal Juracy A. Conceição, localizada no Centro. As poucas recordações que tenho de lá são em relação à estrutura da escola, lembro que gostava muito do refeitório, era muito organizado e as refeições que serviam eram ótimas. Posteriormente, estudei da Alfabetização até a 4ª série do ensino fundamental, na escola Municipal Tomázia de Carvalho, no bairro Bacuri. Na época, era regra, antes de iniciar as aulas, participarmos do momento cívico no pátio da escola. Sofríamos debaixo do sol, pois a escola não possuía um pátio com cobertura. Achava desnecessário esse momento cívico, eu encarava como um castigo matinal.

A escola possuía uma estrutura física pequena, mas eu gostava muito de lá, era muito apegada a todos os meus professores que tive ali, inclusive tinha um enorme carinho também pelos gestores. Os momentos de recreio foram de grandes alegrias. Participava de todas as brincadeiras.

Embora gostasse dos professores que tive nessa escola, uma dessas professoras me causou um pequeno trauma ainda na turma de Alfabetização. Não sei quando ou como adquiri o hábito de escrever com letras bem pequenas desde as minhas primeiras tentativas de escrita, e com o decorrer das aulas a professora começou a chamar minha atenção na frente dos outros alunos por causa disso. Ela falava para eu escrever como “gente normal”, que não conseguia enxergar o que eu escrevia e também não possuía uma lupa para poder ler o que estava ali. Me mandava treinar a caligrafia e, se eu escrevesse com letra pequena, gritava comigo e batia em cima do meu caderno, mandando eu apagar e refazer. Me sentia constrangida, era motivo de chacota por parte dos outros colegas. Me esforcei tanto para não mais escrever com letras pequenas que acabei tornando as letras gigantes, o que foi outro problema a ser trabalhado posteriormente. Foi com essa professora que aprendi a ler e escrever. Ela utilizava o método sintético, especificamente o silábico, como o mais utilizado e, conforme ressalta Frade (2007), esse método silábico é aquele

[...] que toma como unidade um segmento fonológico mais facilmente pronunciável, que é a sílaba”. De maneira geral parece que a escolha por apenas um caminho para sistematização das relações fonema-grafema a letra, o fonema ou a sílaba, é que diferencia o tratamento em torno das correspondências fonográficas (Frade,2007,p.22).

Portanto, para aplicar esse método, em um primeiro momento eram ensinadas primeiro as sílabas mais simples, para posteriormente poder trabalhar as sílabas complexas. Ficava fixado na minha mente o “BA-BE-BI- BO- BU”, as cartilhas utilizadas costumavam ter desenhos relacionando-os a cada sílaba estudada. Ao aprender a ler dessa forma, através das famílias silábicas, aprendíamos que a junção das sílabas formava outras palavras. No entanto, às vezes parecia que era mais importante mostrar a habilidade de formar novas palavras do que compreender o significado de um determinado texto estudado.

Um fato marcante foi a mudança de turmas, pois quando eu estava no primeiro ano do ensino fundamental foi dito para a gestora da escola que eu estava avançada nos estudos comparado aos outros alunos. Dessa forma, do primeiro ano do ensino fundamental, fui transferida para o segundo ano, era considerada uma aluna inteligente. Gostava muito de estudar

nessa escola, fiz muitas amizades ali, mas infelizmente a escola só tinha até a 4ª série do ensino fundamental e tive que mudar para outra, um processo que para mim foi doloroso.

Ao me mudar para uma outra escola chamada União, localizada anteriormente no bairro União (onde hoje é o polo da UAB-Universidade Aberta do Brasil), inicialmente senti um pouco de medo e receio. Isso porque havia um lema pejorativo atribuído pelos estudantes de outras escolas, que diziam que “entravam lá, burros e saíam ladrões”. A escola era frequentada principalmente por estudantes que moravam em periferias e vinham de famílias que eram marginalizadas. Com o tempo, me adaptei à nova escola. Era uma aluna assídua, que mesmo doente frequentava as aulas, tinha uma boa relação com os funcionários da escola, inclusive devido a isso eu era permitida entrar mais cedo na escola antes do portão abrir para todos.

Quando lembro dessa escola, logo o que me vem à memória é um professor de Matemática que tive, era muito brincalhão com os alunos, todavia em relação aos conteúdos da disciplina, deixava a desejar. Da quinta série do ensino fundamental até a oitava, o que vi nas aulas dele foi praticamente só MMC (Mínimo Múltiplo Comum), nunca me esqueço disso.

Meu ensino médio, inicialmente, cursei na escola Nascimento de Moraes, aos 15 anos. Me senti um pouco perdida no início, como se fosse atrasada nos estudos em relação aos outros alunos. Sentia um déficit de aprendizado enorme, todos pareciam avançados, tinham facilidade em trabalhos apresentados oralmente, enquanto eu ainda não havia tido nenhuma experiência nas escolas anteriores. Considerava os professores de lá excelentes e qualificados, foi a escola em que comecei a ter contato com apresentações orais, seminários, feiras de Ciências, entre outras atividades que julgo de suma importância na vida de um estudante. Essas experiências eram completamente novas para mim e me deixavam perplexa por não ter vivenciado algo semelhante anteriormente.

Minha adolescência foi conturbada. Aos 15 anos, comecei a apresentar problemas de saúde, tinha desmaios frequentes, ia para a escola e passava mal, chegava em casa chorando e com vergonha. Odiava essa situação, minha paixão por estudar e ir à escola foi vencida pelo medo do meu estado conturbado de saúde.

Sempre que chegava a hora de ir para a escola, eu me sentia muito mal e acabava vomitando, me tremia toda, era vigiada pela minha família. Minha mãe chegou a cogitar que eu pudesse estar com bulimia e provocando os vômitos. Eu chorava porque não aguentava mais aquela situação. Mas mesmo com esse problema, ainda consegui ser aprovada do primeiro ano do ensino médio para o segundo, por meio do conselho de classe.

Procurei ajuda médica, mas só ouvi que poderia estar com gastrite nervosa. No ano seguinte, os problemas se agravaram e desisti de frequentar a escola por ter medo de sair de

casa e passar mal. Nessa época, problemas relacionados à ansiedade ainda não eram muito discutidos, a depressão era vista como frescura. Posteriormente, passei por situações muito difíceis com a separação dos meus pais, foi complicado aceitar que minha família havia se desfeito. Durante essa fase difícil, assumi várias responsabilidades em casa, já que minha mãe decidiu se afastar temporariamente da situação, passando um período na casa de uma irmã. Como consequência, minha vida acadêmica ficou suspensa, pois, na época, era muito jovem e não conseguia conciliar as responsabilidades de casa com os estudos. Somente aos 21 anos consegui retomar minha trajetória acadêmica.

Com o tempo, meus pais constituíram uma nova família, assim aceitei que não teria mais a possibilidade de reconciliação, então passei a morar com minha mãe, meus irmãos e padrasto. Foi muito difícil a convivência com ele, tínhamos diversos atritos. Minha vida era um caos por causa das divergências que tinha com minha mãe e meu padrasto. Aos poucos consegui me adaptar a essa situação, através de alguns ajustes. Em relação a isso, concordo com Josso (2007), quando diz que:

A consciência de ser (ativamente ou passivamente) sujeito de sua história, através de todos os ajustes que foi preciso fazer, permite ter a medida do que está em jogo em toda a formação: a atualização do sujeito num querer e poder ser e vir-a-ser e sua objetivação nas formas socio-culturais visadas, as que já existem ou as que ele tiver que imaginar (ex.: as famílias reconstituídas) (Josso, 2007, p. 423).

A autora ressalta que a formação não é somente um processo de adequação às formas existentes, mas também de invenção, de criação de novas formas de vida e de convivência que respondem às necessidades e aos desejos do sujeito em constante desenvolvimento. Isso coloca o sujeito como um agente ativo de sua própria formação e da construção de novas realidades, evidenciando a complexidade do processo de formação.

De fato, esses ajustes que precisei realizar na minha vida foram necessários para a minha formação. Ter consciência de que eu sou sujeito da minha história me ajudou de certa forma na construção de conhecimento, e ao narrar essas histórias me faz refletir sobre toda a transformação ocorrida e entender as situações e a evolução que ocorreu.

Além disso, essa consciência de ser agente ativo na minha história me motiva a buscar novos caminhos e me reinventar diante das adversidades. Cada experiência, seja positiva ou negativa, contribui para meu crescimento e amadurecimento, permitindo-me olhar para o futuro com esperança e determinação. Ao revisitar essas narrativas, percebo a importância de cada etapa do meu desenvolvimento, permitindo que cada ajuste seja uma oportunidade de aprendizado que moldou quem sou hoje.

Enfim, aos 21 anos, decidi retornar meus estudos e assim concluir o ensino médio, na modalidade EJA (Educação de Jovens e Adultos), no Centro de Ensino de Jovens e Adultos, no bairro Bacuri, da cidade de Imperatriz-MA. Consegui, enfim, o meu então esperado diploma de conclusão do ensino médio, o que me deixou bastante animada.

Em 2015, aos 25 anos, fiz o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), e infelizmente não consegui uma nota boa para ingressar no curso de Pedagogia. No final do mesmo ano, enfrentei um outro pesadelo de saúde, do nada fiquei impossibilitada de ingerir qualquer alimento sólido e não conseguia engolir nada. No início, fiquei em negação, achei que seria só uma fase e logo iria passar. Pesava 54 kg, e com o problema cheguei aos 42 kg. Não saía de casa, praticamente só vegetava, tinha um medo absurdo do que poderia acontecer.

Minha família, depois de acompanhar minha situação, me ajudou a procurar ajuda profissional. Fiz todos os exames possíveis e assim começou a fase da investigação sobre o estado da minha saúde. O desfecho resultou em um dos piores momentos da minha vida, a notícia da possibilidade de ter câncer de pâncreas, já que estava perdendo peso muito rápido.

A médica então solicitou exames para que fossem descartadas todas as hipóteses. Saí do consultório arrasada e com muito medo, mas depois de fazer vários exames físicos, descobri que não tinha nada grave, apresentei alguns problemas, mas nada assustador. Fui encaminhada para outro profissional e o parecer médico decisivo foi um caso grave de depressão e transtorno de ansiedade, que consegui com o tempo lidar através de acompanhamento psicológico.

Aos poucos, recuperei meu peso e o controle da minha saúde mental, dando-me forças, coragem e confiança para tentar, novamente, entrar em uma universidade. Eu tinha sonhos e um deles era deixar meus pais orgulhosos de mim, e, ao mesmo tempo, dar a volta por cima depois de tudo que passei.

Em 2017, resolvi fazer o Enem novamente. Não passei nas chamadas regulares do Sistema de Seleção Unificada (Sisu) nem tampouco nas listas seguintes, e minha esperança era ser chamada no segundo semestre. Com o passar do tempo, já estava sem esperanças de ser convocada. Então, para minha surpresa, enquanto estava numa fila de supermercado, recebi a notícia de que tinha conseguido a almejada vaga na Universidade Federal do Maranhão no curso de Pedagogia. Na próxima seção, apresento relatos sobre a realização deste sonho, o ingresso na educação superior e os desafios que tive ao longo da minha jornada acadêmica.

1.3 Ingresso na Educação Superior: realização de um sonho

Conseguir ingressar na educação superior era um dos meus sonhos e um dos meus principais objetivos. No entanto, ao realizar o Enem, não me sentia preparada de fato, isto porque durante o período escolar dos Anos Finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio ocorreram algumas greves, que perduraram por bastante tempo. E ocasionaram uma parcela de conteúdos não vistos e resultaram em déficits relacionados a eles.

Além disso, também não possuía recursos financeiros para estudar em um cursinho preparatório para o vestibular. O que me restou foi procurar na internet apoio metodológico para poder realizar a prova do Enem. Foquei mais em dicas e regras para a redação, pois tinha dificuldade na escrita por não ter tido o hábito de produzir textos, como uma redação. Sabia que só isso poderia não ser suficiente, mas me empenhei ao máximo para conseguir realizar a prova e, de alguma forma, conseguir uma nota aprovativa.

Embora não tão confiante, enfim, consegui na segunda tentativa do Enem ser convocada em uma das Listas de Espera do SISU para o Curso de Pedagogia da UFMA. Foi uma enorme realização, um misto de alegria e incredulidade por finalmente ter vencido essa etapa.

Minha trajetória acadêmica na UFMA iniciou no dia 20 de agosto de 2018.2. Neste dia, foi a aula inaugural, com a acolhida dos alunos, fomos apresentados à coordenadora do Curso, que na época era a prof.^a Herli de Sousa Carvalho, alguns professores(as) e a equipe pedagógica, conhecemos também os espaços da UFMA e sua estrutura. A nossa turma foi um marco para a universidade, pois estava sendo a primeira turma do curso de Pedagogia no período matutino. Me senti privilegiada por, além de estar cursando o ensino superior, ter ingressado nesta fase do curso. A seguir, um registro dos alunos da turma 2018.2 do curso de Pedagogia.

Figura 1: Aula Inaugural da Turma de 2018.2 do curso de Pedagogia do período matutino



Fonte: Arquivo pessoal (2018)

Nesta imagem, estão todos os alunos da turma que marca um novo ciclo na UFMA, e junto estava a coordenadora do curso de Pedagogia, professora Herli Carvalho. O registro foi feito após as apresentações de todos e de uma dinâmica realizada. E este momento específico que considero mais marcante foi durante a dinâmica que foi proposta, em que era para escrevermos em um papel o que esperávamos do curso e depois depositássemos esse papel num recipiente (não lembro exatamente o que era), e que ao final do curso pudéssemos lembrar desse pedido e refletirmos se o nosso desejo foi alcançado. O meu pedido naquele momento e que escrevi foi: que eu conseguisse superar as adversidades que poderiam aparecer durante a minha trajetória acadêmica e que eu conseguisse concluir o curso. E estou quase lá.

No início, me sentia perdida, assim como os demais colegas de turma, era algo muito novo para nós, não sabíamos o que esperar. O que vimos depois era que deveríamos focar em estudar, ler, interpretar e escrever bastante, esta seria a exigência para nós enquanto acadêmicos.

Entrei no curso já querendo ser ativa nas atividades do curso, logo veio o primeiro evento acadêmico, que foi a VIII Semana da Pedagogia, que ocorreu nos dias 08, 09 e 10 de outubro de 2018, no qual me inscrevi como ouvinte e parte da comissão organizadora.

A imagem a seguir mostra a minha participação no evento da VIII Semana da Pedagogia, na função de cadastramento de participação nas oficinas.

Figura 2: Equipe da Comissão Organizadora no cadastramento das oficinas



Fonte: Arquivo pessoal (2018)

Fazer parte desse evento tão importante foi uma experiência inesquecível. Após o evento, me senti mais confiante em relação ao curso, pois até então estava me sentindo perdida, um pouco deslocada na Pedagogia. Ainda no início do primeiro semestre do curso de Pedagogia, surgiu a possibilidade de participar como bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), e por curiosidade e interesse de aprender mais por meio da prática, resolvi me inscrever. Me inscrevi mesmo sem saber ao certo o que iria fazer e como iria funcionar de fato, sem contar que ainda estava muito recente meu ingresso na universidade e mal tinha embasamento teórico.

O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência -PIBID é uma ação do Ministério da Educação - MEC, por meio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, que visa valorizar os Cursos de Licenciatura, além de fazer com que os discentes ainda na primeira metade do curso de licenciatura tenham uma experiência na Educação Básica das escolas públicas, participando do cotidiano das escolas, e dessa forma buscando unir a teoria com a prática , fomentando sua permanência na docência, e aperfeiçoando sua formação como docente (UFMA, 2020). O Programa tem os seguintes objetivos:

a) incentivar a formação de docentes em nível superior para a Educação Básica; b) contribuir para a valorização do magistério; c) elevar a qualidade da formação inicial de professores nos cursos de licenciatura, promovendo a integração entre a Educação Superior e a Educação Básica; d) inserir os licenciandos no cotidiano de escolas da rede pública de educação, proporcionando-lhes oportunidades de criação e participação em experiências metodológicas, tecnológicas e práticas docentes de caráter inovador e interdisciplinar que busquem a superação de problemas identificados no processo de ensino-aprendizagem; e) incentivar escolas públicas de Educação Básica, mobilizando seus professores como co-formadores dos futuros docentes e tornando-as protagonistas nos processos de formação inicial para o magistério; e f) contribuir para a articulação entre teoria e prática necessárias à formação dos docentes, elevando a qualidade das ações acadêmicas nos cursos de licenciatura (UFMA, 2020. p.2).

Diante disto, o PIBID contribui para que as escolas possam ter uma melhoria na qualidade da educação, valorizando os professores e propiciando aos discentes uma experiência relevante para sua formação, além de proporcionar uma bolsa tanto para os discentes quanto para os professores das escolas da rede pública que fazem parte do projeto e também para os professores das Instituições de Ensino Superior (IES).

O período de participação no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) foi de 01 de setembro de 2018 até 31 de janeiro de 2020. Os bolsistas do programa foram divididos por equipe e encaminhados para escolas da rede pública de diferentes localidades que aceitaram fazer parte desse projeto. Minha participação no projeto foi realizada na Escola Municipal Tocantins, localizada na rua Simplício Moreira, Centro.

A experiência no PIBID me permitiu, através das vivências na sala de aula, refletir sobre os desafios enfrentados na docência, suas limitações e a realidade difícil de alguns estudantes. Para o desenvolvimento do projeto, foi realizado um trabalho de alfabetização e letramento, por meio de reforço escolar, com alunos com déficits de aprendizagem. A proposta da nossa equipe seria para trabalhar no 2º ano do Ensino Fundamental, da Escola Municipal Tocantins.

Durante o período no PIBID, trabalhávamos com os alunos no contraturno, com um reforço escolar, desenvolvemos aulas que continham jogos, como alfabeto móvel, confeccionados pelos próprios bolsistas. Com esse recurso os alunos conseguiam identificar as letras do alfabeto, além de formar algumas palavras. Utilizamos também jogos que associavam letras e imagens, além de realização de contação de história, tudo isso para proporcionar, por meio do lúdico, uma aprendizagem mais prazerosa. Na concepção de Vasconcelos (2017), “[...] a utilização de jogos pedagógicos pode ser uma boa tática a ser trabalhada, junto ao método escolhido, a fim de alcançar o melhor aproveitamento dos alunos.” Ao trabalhar a ludicidade, faz com que desperte a atenção do aluno e torne melhor a compreensão do que está sendo estudado, não deixando a aula cansativa, vista como “chata”. Enfim, ao utilizar o lúdico nas atividades, o educador facilita o aprendizado do aluno e tem um rendimento melhor.

Kishimoto (1994) reforça esse pensamento ao afirmar que:

Por meio de uma aula lúdica, o aluno é estimulado a desenvolver sua criatividade e não a produtividade, sendo sujeito do processo pedagógico. Por meio da brincadeira o aluno desperta o desejo do saber, a vontade de participar e a alegria da conquista. Quando a criança percebe que existe uma sistematização na proposta de uma atividade dinâmica e lúdica, a brincadeira passa a ser interessante e a concentração do aluno fica maior, assimilando os conteúdos com mais facilidades e naturalidade (Kishimoto, 1994, p.49).

Na perspectiva da autora, o lúdico, além de facilitar a aprendizagem do aluno, ajuda a trabalhar sua imaginação e a capacidade de criação, torna as aulas mais interessantes, fazendo com que ele comece a prestar mais atenção na aula, e dessa forma, o aluno acaba tendo um envolvimento maior nas atividades, além de possibilitar que o educador conheça os educandos e suas dificuldades, e venha refletir sobre o que pode ser melhorado.

Portanto, durante o período no PIBID, buscamos trabalhar com os alunos por meio da ludicidade, visando aulas mais atrativas, já que estariam estudando no contraturno. Então, depois de quase dois anos estagiando nesta turma de segundo ano do ensino fundamental, o estágio chegou ao fim, transmitindo grande aprendizado. Me possibilitou vivenciar as dificuldades que os professores enfrentavam na sala de aula, além de presenciar situações

complicadas devido à realidade difícil de alguns alunos, me permitiu também compreender a relação estabelecida entre a escola e o professor no seu processo de formação.

Tive momentos difíceis ao longo do curso, me senti incapaz inúmeras vezes, cheguei a duvidar de mim e abordo mais sobre isso no próximo capítulo. Não tive uma boa base de estudo em minha trajetória escolar e isto transformou tudo em um enorme desafio, mas minha teimosia é minha maior incentivadora, sou muito teimosa para desistir no meio do caminho. Além disso, conseguir ingressar na Educação Superior, e na UFMA, já foi uma realização de um sonho. As experiências vividas me fizeram ter mais certeza do que almejava para mim, influenciaram muito na construção da minha formação, e quanto mais me descobria no curso, mais me firmava na área.

2 PANDEMIA, ENSINO REMOTO E MATERNIDADE: REVIRAVOLTA NA FORMAÇÃO

Uma pandemia global impactou o mundo no início de 2020 de várias formas, propagando-se rapidamente e causando inúmeras mortes. Diante da pandemia do novo coronavírus, que surgiu no final de 2019 na China, na cidade de Wuhan, foram necessárias medidas de distanciamento e isolamento social, interrompendo todas as atividades classificadas como não essenciais. De acordo com o Ministério da Saúde, o novo coronavírus SARS-COV 2 faz parte de uma cepa viral que causa infecções respiratórias.

Essa doença, denominada Coronavírus Disease19 (COVID-19), tomou grandes proporções e afetou várias áreas da sociedade, incluindo a educação. Para mitigar os prejuízos no meio acadêmico, as instituições de ensino do país adotaram o ensino remoto.

O ensino remoto ocorre fora do ambiente de sala de aula tradicional, normalmente por meio de tecnologias digitais com acesso à internet, videoconferências, plataformas online e a utilização de outros recursos. Esse método de ensino faz com que seja possível a interação entre os discentes e os professores, facilitando o acesso à educação durante a pandemia. Segundo Rech e Pescador (2022, p. 1267) “[...] tal modalidade de ensino se tornou, na maioria das realidades educacionais, a alternativa mais viável para manter o vínculo do ensino com educandos.” Diante dessa afirmação, o ensino remoto permite que seja mantida a relação educacional, garantindo que os discentes continuem recebendo orientação, instrução e suporte adequado.

Enquanto as incertezas da pandemia surgiam e os desafios de como nos adaptaríamos à nova realidade do ensino remoto, também tive uma reviravolta na minha vida pessoal: descobri que estava gestante ainda no início da pandemia. Foi um misto de emoções, alegria pela realização de um outro sonho, a maternidade, e medo pela situação que estávamos enfrentando e como conseguiria dar continuidade aos meus estudos.

O ensino remoto nessa fase foi de certa maneira a melhor solução, porém essa modalidade de ensino representou um desafio tanto para professores quanto para discentes. Foi necessário adaptar práticas educacionais tradicionais aos contextos digitais. Os professores tiveram que se ajustar rapidamente a esse novo universo, desenvolvendo novas estratégias para envolver os alunos nas aulas virtuais. Para os discentes, houve uma sobrecarga de trabalhos acadêmicos, impactando seu desempenho. Além disso, quem precisava conciliar maternidade e estudos enfrentou desafios adicionais nesse cenário. Neste capítulo, abordo mais sobre esses

desafios enfrentados durante a pandemia e no ensino remoto, especialmente como universitária e mãe solo.

2. 1 Ser mãe acadêmica em tempos de ensino remoto

Sempre tive um desejo por ser mãe, e tinha decidido que iria adiar só até os meus 30 anos, pois não queria interromper o curso ainda no início. Então, quando estava quase perto de completar essa idade, comecei a planejar uma gravidez, e aos 30 anos consegui engravidar, mas com o pensamento sempre de que filho não seria de forma alguma um impedimento para que eu continuasse os estudos, embora estivesse ciente das mudanças que ocorreriam na minha vida. No que se refere a isso, Oliveira (2022) ressalta que:

A gravidez é uma experiência única e especial na vida de qualquer mulher, esteja ela em qualquer classe social ou se a gravidez foi planejada ou não. No entanto, a chegada de uma criança provoca grandes mudanças no cotidiano, tanto físicas quanto emocionais. Neste sentido, os desafios são diversos e nos levam a dedicar a maior parte do tempo para o bebê (Oliveira, 2022, p.12).

E esses desafios surgiram ainda no início da gravidez, pois com apenas 5 semanas de gestação comecei a apresentar alguns problemas de saúde. A descoberta da gravidez coincidiu com a volta às aulas da UFMA do semestre de 2020.1, que iniciou no dia 02 de março de 2020. Ainda cheguei a frequentar as aulas presenciais na primeira semana, logo apresentei problemas de saúde, chegando a ficar quase uma semana internada no hospital. Tive um sangramento e aparentemente peguei também alguma virose. Assim que tive alta hospitalar, resolvi marcar consulta com a ginecologista obstetra que me atendia na época, iniciando assim o meu pré-natal.

Devido ao cenário pandêmico, foram adotadas medidas de isolamento social no mundo todo, em decorrência da sua forma de contágio, e, após o surgimento de aumentos expressivos de casos do coronavírus (Covid-19) no Brasil, a UFMA por meio da Portaria GR Nº 190/2020 oficializa a suspensão das aulas presenciais, contando a partir do dia 17 de março de 2020, baseando-se nas recomendações do Ministério da Saúde e do Comitê Operativo de Emergência de Crise - COE/UFMA (UFMA, 2020). Diante das circunstâncias, com as aulas suspensas, poderia me cuidar melhor, pois havia realizado alguns exames e, através de um ultrassom morfológico, descobri que tinha tido um deslocamento da placenta e, por recomendação médica, tinha que ficar de repouso para evitar que minha situação se agravasse ainda mais.

Com a pandemia, surgiram inúmeros medos, era algo desconhecido e, estando grávida, me sentia vulnerável. Além disso, o Ministério da Saúde, em abril de 2020, inseriu no grupo de risco para o novo coronavírus as grávidas e puérperas, pois, de acordo com especialistas, as gestantes de alguma forma podem ser afetadas gravemente por algumas infecções respiratórias, devido às mudanças nos seus corpos e nos sistemas imunológicos (BRASIL, 2020).

No dia 17 de julho de 2020, a Universidade Federal do Maranhão publicou a Resolução Nº 2.078/CONSEPE, que regulamenta a retomada das atividades acadêmicas, o Ensino Emergencial Remoto e/ou Híbrido na UFMA, durante o período de pandemia do novo Coronavírus (SARS-COV-2/COVID-19). Sendo assim, os professores tiveram que se reinventar para conseguir, em meio à pandemia, dar continuidade ao processo de ensino e aprendizagem dos discentes. O uso das tecnologias digitais se tornou essencial, possibilitou, por meio da internet, notebooks, celular, e-mails, plataformas como o Google Meet, Sigaa e Classroom, que os professores não interrompessem as atividades pedagógicas, seja por meio de aulas síncronas ou assíncronas, diminuindo dessa forma os impactos na aprendizagem e no ensino dos discentes causados pelo isolamento social.

Alguns professores não estavam familiarizados ainda com o uso das tecnologias digitais, então, de certa forma, era mais desafiador essa adaptação para eles. Contudo, diante do contexto vivido, o ensino remoto se mostrou a melhor alternativa, pois era necessário preservar a segurança de todos e garantir que houvesse continuidade do ensino.

No que se refere a essas mudanças, Alves (2018) enfatiza que:

Analizando esse contexto, pode imaginar um grande desafio para os docentes atuais em participarem de um processo de mudança tão grande, no qual de um lado, uma grande parcela dos alunos nasce e cresce em contato constante com o meio digital, através de seus tablets e smartphones, por exemplo, e do outro lado, docentes que já se atentavam com suas diversas atividades, agora tendo que repensar novas possibilidades mediante a conjuntura das novas tecnologias. E não falamos apenas do esforço em conhecer o uso de um novo dispositivo, ou ambiente virtual, aplicativo etc., mas, sim, pensarmos em como colocar isso em prática e de maneira com que o processo de ensino aprendizagem alcance seus objetivos (Alves, 2018, p.27).

Para a autora, trata-se de um desafio fundamental no contexto educacional contemporâneo: a adaptação dos docentes ao cenário digital em constante evolução. O ponto em destaque não é apenas o esforço de aprender a usar novos dispositivos ou plataformas, mas também a necessidade de refletir sobre como essas tecnologias podem ser integradas de forma eficaz ao processo de ensino-aprendizagem. O desafio, portanto, vai além do domínio técnico. É uma questão de reformulação de metodologias e estratégias pedagógicas que consigam envolver os alunos e, ao mesmo tempo, atingir os objetivos educacionais.

Esse cenário se tornou ainda mais evidente com a retomada das aulas do período 2020.1, que ocorreu em 14 de setembro de 2020. Naquele momento, o ensino remoto era uma novidade para todos, e as salas de aula migraram para o ambiente virtual. Os professores, além de precisarem dominar as ferramentas digitais, tiveram que adaptar seus conteúdos ao novo formato de ensino, buscando oferecer uma abordagem diferenciada. Dito isto, consegui dar continuidade aos meus estudos, mesmo que de forma remota, o que de certa forma naquele momento foi um alívio, pois não queria colocar minha saúde e do meu bebê em risco. Porém, foi muito mais desafiador do que imaginei.

Antes da pandemia tomar grandes proporções, já imaginava como seria ter que lidar com as aulas na modalidade presencial e com o bebê, com quem iria deixar a criança, uma vez que a UFMA não possui creches, não dispõe de uma sala para amamentação, fraldário e nem tampouco disponibiliza os espaços como a brinquedoteca para que os filhos das discentes possam ficar lá sendo supervisionados por um(a) profissional enquanto suas mães ficam na sala de aula estudando.

Sendo assim, foi muito propício à retomada das aulas pelo ensino remoto, pois após o nascimento da minha filha não queria de forma alguma dar um tempo na graduação. Então, enfrentei a nova realidade, me empenhei em dar o meu melhor, mas a adaptação das aulas online foi um tanto quanto difícil. Ainda durante a gestação, tinha que me familiarizar com algumas plataformas para poder realizar as atividades que eram encaminhadas para os discentes. Algo de que tive que me desprender durante essas aulas foi a minha timidez para aparecer nos vídeos, pois eram exigências das atividades em algumas disciplinas. Além disso, também teria que usar a criatividade para produzir essas atividades através das tecnologias digitais. Abaixo, uma imagem de uma atividade produzida para a disciplina de Arte e Educação, ministrada pela professora Maria Teresa Bom-Fim.

Figura 3: Imagem do vídeo produzido para a atividade da disciplina de Arte e Educação



Fonte: Arquivo Pessoal (2020)

Na imagem acima, foi apresentado um vídeo produzido sobre o artista Eduardo Kobra e sua obra. Para a produção da videoaula primeiro, foram gravados os vídeos e editados no app Kinemaster, carregados para a plataforma do YouTube e por fim apresentado de forma on-line na Plataforma Meet na aula da disciplina de Arte e Educação. Essa atividade, dentre outras realizadas, fez com que as aulas remotas contribuíssem para nosso desenvolvimento e aprimoramento das nossas habilidades.

Mesmo com todas as dificuldades e desafios que enfrentava com o uso das tecnologias digitais, estava conseguindo me adaptar. Buscava sempre pesquisar sobre algum aplicativo ou plataforma que não sabia como funcionava e assim tornava o processo de elaboração das atividades mais fácil.

Quando estava na metade do quarto período da graduação, minha filha nasceu por meio de um parto cesárea, em uma quinta-feira do dia 22 de outubro de 2020. E já na segunda-feira, dia 26 do mesmo mês, estava participando da aula da disciplina de Arte e Educação de forma online, através da plataforma MEET. Decidi por não solicitar a licença maternidade junto à universidade, pois achava desnecessário, uma vez que já estava realizando as atividades em casa por meio das aulas online.

Algumas pessoas me chamaram de louca por essa decisão. Estava recém-operada, com um bebê recém-nascido, e enfrentava dificuldades para dormir devido a essa nova fase. Na opinião de alguns, seria muito difícil conciliar a maternidade, as aulas e fazer os trabalhos acadêmicos. Confesso que foi realmente desafiador, mas contei com a ajuda de professores compreensivos que se dispuseram a me ajudar da forma que pudessem, onde eu fazia as coisas

no meu ritmo, sem pressão, sempre me lembrando que eu tinha direito a uma pausa e que estava tudo bem, se eu apenas quisesse retornar depois. Qualquer opção que se assemelhasse a desistir eu não queria, tive que me adaptar e aprender a lidar com um bebê e com as aulas.

Enfrentei críticas por parte do meu até então marido, que me fazia sentir uma péssima mãe. Para ele, continuar estudando parecia significar que estava deixando minha filha de lado. Ele argumentava que não era certo o que estava fazendo, que eu deveria me dedicar mais a ela e não me desgastar com as aulas. Chegou a sugerir que seria melhor trancar o período e retornar apenas quando minha filha estivesse maior.

Nesse sentido, Viana (2016) ressalta a ideia de que:

Para alguns, a maternidade ainda é uma característica única e exclusivamente imbuída na mulher, via única de realização pessoal, papel que cabe somente à mulher exigindo atenção total por parte dela, e que ela se anule socialmente para cuidar dos filhos e viver somente para esse fim, como se o pai não tivesse co-responsabilidade pelo cuidado e criação dos filhos. (Viana, 2016, p.18).

Ainda de acordo com Viana (2016), na sociedade patriarcal, aquela em que o homem é o responsável por tudo, a figura de autoridade, a mulher tem em sua natureza ser mãe, faz parte do seu destino, não podendo ter outros interesses que não seja esse, o da maternidade, tendo que se anular, não podendo se realizar de outra forma que não seja sendo mãe, e as que não almejam a maternidade ou que têm outros objetivos, além disso, é julgada pela sociedade, como se sua função fosse apenas procriar e cuidar da família, não levando em consideração seus outros sonhos, e nem tendo seus desejos respeitados.

Diante do que foi mencionado, me senti de certa forma um pouco egoísta por não atender ao desejo dele de abrir mão do curso em prol dos cuidados exclusivos da nossa filha. Foi tão difícil para mim superar meus problemas de saúde envolvendo depressão e ansiedade, e havia sido tão difícil conseguir uma vaga na universidade, não queria ter que desistir dela e nem que minha filha fosse um obstáculo para mim e fizesse isso acontecer.

Então, dois meses após ter minha filha, meu marido, depois de tantos problemas que enfrentamos nesse período, resolveu me abandonar e sair de casa. Fiquei devastada e sem saber o que fazer. Ainda em processo de cura da cirurgia e com uma bebê pequena, me vi desesperada. Não tinha emprego fixo, apenas um estágio remunerado, e isso me levou a pensar em largar tudo, não tinha estrutura emocional nenhuma para continuar. Pensava apenas no futuro incerto e em como faria para sustentar a mim e à minha filha. Refleti muito sobre tudo, e como das outras vezes me reconstruí, me mantive forte e disposta, continuei participando das aulas e no curso que lutei tanto para estar.

Minha família foi meu suporte à distância, me ajudaram financeiramente mesmo sem terem muitas condições. Minha mãe passou a residir na cidade de Novo Progresso, no Pará, e onde permanece atualmente, mas ir morar com ela nunca foi uma possibilidade para mim.

Tive que me organizar mental e emocionalmente, chorei muito, tudo parecia muito pesado para mim, não queria fracassar nas disciplinas, mas a maternidade como mãe solo e sem ajuda de ninguém é muito sofrida. Conciliar as aulas com os cuidados de uma criança pequena não foi fácil ou tem sido fácil.

De acordo com Passeggi (2011, p.149):

Entre um acontecimento e sua significação, intervém o processo de dar sentido ao que aconteceu ou ao que está acontecendo. A experiência, em nosso entendimento, constitui-se nessa relação entre o que nos acontece e a significação que atribuímos ao que nos afetou.

A forma como atribuímos significado ao que vivenciamos é essencial para nossa experiência. O autor sugere que não basta só registrar um acontecimento; é preciso também processá-lo e dar sentido a ele. Esse processo de atribuir significado acontece por meio de um acontecimento em si e como o compreendemos, influenciado por nossas experiências anteriores, valores e contexto. Em suma, o que vivenciamos é moldado não somente pelo que nos acontece, mas também pela maneira como interpretamos e atribuímos significados a esses eventos.

Nesse sentido, sou muito grata aos meus amigos que a pedagogia me proporcionou, diversos momentos foram eles que me ajudaram a seguir firme no curso, ouvir as palavras deles me confortaram. Além disso, me deparei com professores com uma enorme empatia. Foram eles que me ajudaram a conseguir fazer o que achava impossível dada a minha situação. Ouvi-los aqueceu meu coração, saber que além de educadores, eram pessoas que se preocupavam com seus alunos me motivava mais ainda a continuar, eram e são um exemplo para mim, e contribuíram para minha formação até aqui.

Essa interação professor-aluno e os vínculos construídos foram muito significativos, me fizeram perceber o quão necessário é o professor entender a realidade do educando e assim poder acolhê-lo. Assim sendo, Aquino (1996) afirma que:

Os laços afetivos que constituem a interação Professor-Aluno são necessários à aprendizagem e independem da definição social do papel escolar, ou mesmo um maior abrigo das teorias pedagógicas, tendo como base o coração da interação Professor-Aluno, isto é, os vínculos cotidianos (Aquino, 1996, p.50).

Acredito que para educar é preciso criar meios necessários para que isso seja possível, é saber ter um olhar voltado para a realidade do educando, enxergar além da sala de aula em algumas situações. Posso afirmar que me deparei com professores assim na UFMA. Sendo assim, consegui avançar no curso, mesmo em meio à pandemia. Tirei proveito do ensino remoto para concluir o maior número possível de disciplinas, pois já previa a dificuldade que teria no retorno ao presencial com um bebê. Dentre os desafios que enfrentei como mãe-universitária em um período pandêmico estavam as demandas das atividades que os professores passavam. Ter que conciliar isso com os cuidados da minha filha, amamentação e trabalhos domésticos me sobrecarregou muito mais. Às vezes chorava enquanto minha bebê dormia, pois tinha medo de não conseguir dar conta de tudo isso. Alguns professores eram mais empáticos quanto a estender o prazo para o recebimento dessas atividades, outros nem tanto, por isso optava por cancelar algumas disciplinas quando percebia que estava ficando muito sobrecarregada e não daria conta das inúmeras atividades que tinha que realizar durante o período e temia a reprovação, pois mesmo estando em casa não estava ociosa.

Com a maternidade, as noites de sono já eram quase inexistentes, e com a pressão dos estudos, estava entrando quase em um colapso mental, pois os raros momentos que eram para descansar estava realizando alguma atividade da universidade. Deixo claro aqui que, em alguns momentos, me sentia constrangida durante as apresentações, a realidade de conciliar a maternidade com as aulas remotas era difícil, minha filha não entendia que a mãe dela estava em casa, mas também estava em aula e que precisava da colaboração dela. Durante as atividades em que precisava eu abrir meu microfone para apresentar algum trabalho ou participar de algum debate, ela surgia chamando a atenção de todos, seja pelos choros por precisar de algum cuidado ou porque também queria se expressar, pois para ela era curioso assistir outras pessoas falarem pelas telas, reforçando que ela começou a ser inserida nesse contexto a partir dos primeiros dias de vida dela. Vale ressaltar que, por ela ter nascido em um período pandêmico, o contato maior que ela tinha com outras pessoas era por meio de telas. Nesses episódios de participação dela nas aulas, eu me sentia aflita, pois precisava concluir alguma atividade importante, mas com a agitação dela tornava difícil, eu tinha que parar, desligar meu microfone e atender às necessidades dela. Dessa forma, a maioria das minhas apresentações orais eram realizadas de forma rápida, por diversas vezes perdia a linha de raciocínio, pois só queria concluir a apresentação e dar atenção à minha filha.

E os desafios durante a maternidade só aumentaram com as mudanças que ocorreram no ensino. Na seção a seguir, descreverei essas mudanças no ensino e as dificuldades que surgiram na maternidade, explorando a transição dos modelos de aula, do remoto para o híbrido.

O Estágio Supervisionado se destaca como um marco importante nesse processo de transição. Essa nova abordagem de ensino traça um replanejamento das estratégias de ensino e aprendizagem, além de um esforço significativo para conciliar as responsabilidades de ser mãe e estudante. Portanto, apesar das dificuldades enfrentadas, essa experiência me permitiu refletir sobre a importância da flexibilidade e resiliência da educação, mostrando que, mesmo em meio aos desafios, é possível encontrar oportunidades de crescimento e aprendizado. Assim, essa transição, embora repleta de obstáculos, também se revelou como uma fase rica em descobertas e desenvolvimento pessoal.

2.2 A maternidade e as mudanças no ensino: de aulas remotas ao híbrido

No período de 2021.1, quando minha filha ainda estava com 8 meses, tive que fazer meu primeiro Estágio Supervisionado, que foi o Estágio em Gestão e Organização de Sistemas e Unidades Escolares. Foi um momento de muitas discussões e reflexões, pois ainda estávamos vivendo uma pandemia e o risco de transmissão do vírus ainda era grande. Em janeiro de 2021, iniciaram-se as vacinações no Brasil contra a COVID-19, possibilitando dessa forma que o estágio ocorresse na modalidade de ensino híbrido. De acordo com Oliveira *et al.* (2021, p. 921), “o ensino híbrido pressupõe a combinação entre estudos no espaço físico das IES e fora dele, uma combinação dos modelos presencial e a distância, utilizando como ferramenta essencial e indispensável a esse processo a tecnologia”. Essa modalidade de ensino seria para tornar flexíveis as aulas, possibilitando a comunicação por meio de tecnologias digitais e o acesso à internet, tornando viável o processo de ensino e aprendizagem, seja por meio do encontro presencial ou virtual.

O Estágio em Gestão e Organização de Sistemas e Unidades Escolares surge como uma oportunidade de colocar em prática o que vemos na teoria. É o ponto de partida para o profissional poder atuar em sua área de trabalho e assim ter uma visão ampla sobre como funciona a gestão e a equipe que dela faz parte, além de criar possibilidades de o educando participar de articulações e de ações que se realizam no contexto escolar.

A teoria contribui para que o educando consiga introduzir-se no novo mundo que é a escola, fazendo com que ele consiga ter uma análise da rotina escolar e entender qual o processo enfrentado. Dessa forma, com o estágio, o conhecimento teórico serve de apoio à prática.

Sendo assim, Pimenta e Lima (2006) ressaltam que:

[...]o papel das teorias é iluminar e oferecer instrumentos e esquemas para análise e investigação que permitam questionar as práticas institucionalizadas e as ações dos sujeitos e, ao mesmo tempo, colocar elas próprias em questionamento, uma vez que as teorias são explicações sempre provisórias da realidade (Pimenta; Lima, 2006, p.12).

Percebemos então que as teorias são essenciais para melhor o entendimento do contexto em que o educando será inserido e que o estágio não pode ser realizado somente com a prática, é preciso que, antes de ser feito, o educando adquira embasamento teórico, assim torna-se possível concretizar com qualidade as atividades a serem realizadas dentro do campo de atuação.

Dessa forma, devido à nova realidade em que estávamos enfrentando em meio a uma pandemia, foram criados encontros virtuais por meio da plataforma Meet. O estágio iniciou-se no dia 07 de junho de 2021, sob a coordenação da professora Simone Omizzolo, e tendo participação dos professores Jonata Moura e Francisca Melo Agapito. Foram realizados quatro encontros, em que outras turmas também estavam participando neste primeiro momento. Neles foram tratados os objetivos do estágio, como seria o desenvolvimento e a importância do relatório a ser entregue em forma de memorial. Fomos informados da parceria entre a UFMA e o Hospital Municipal Infantil de Imperatriz e o Projeto Pedagogia Hospitalar, que possibilitava a realização do estágio em gestão no ambiente hospitalar.

Posteriormente, houve plantões de dúvidas e esclarecimentos sobre todos os documentos obrigatórios a serem apresentados no estágio, e mais adiante anexados ao relatório. Também foram disponibilizados materiais como textos e slides dos encontros para facilitar na construção do mesmo. Inicialmente, relutei em realizar o estágio devido ao receio de contrair COVID-19 e transmitir para minha filha. Além disso, me preocupava com as dificuldades financeiras para o transporte e a necessidade de encontrar alguém que pudesse ficar com ela durante o estágio. Foi então que uma amiga e colega de turma sugeriu que sua prima e sua avó poderiam cuidar da minha filha. A casa delas ficava no mesmo bairro da escola onde faríamos o estágio, e eu só precisaria pagar um valor simbólico pelos cuidados. Aceitei a proposta.

Diante das dificuldades financeiras, que eram ainda maiores por ser mãe solo e sem uma renda fixa, decidi me inscrever na bolsa de auxílio creche oferecida pela universidade através da Pró-reitora de Assistência Estudantil (PROAES). Essa forma de política de assistência estudantil algumas vezes era quase um pesadelo para os discentes, pois nem sempre eram incluídos quem deveria, a demanda era enorme e as bolsas que eram ofertadas não conseguiam atender a todos. Já havia solicitado outras bolsas anteriormente, mas devido à grande

concorrência, sempre ficava na lista de espera, que era extensa, então desse modo ficava sem ser contemplada.

Embora não tenha sido contemplada inicialmente, fui selecionada no ano seguinte para a bolsa de auxílio creche. Durante o período de estágio, enfrentei diversos desafios, inclusive financeiros. Muitas vezes, dependi da ajuda financeira de familiares ou amigas para custear o transporte até a escola, já que ficava em um bairro distante e os gastos com transporte são mais caros. A permanência na universidade tornou-se ainda mais difícil, pois além das preocupações com o cuidado da minha filha, também enfrentava os custos de transporte.

O meu primeiro contato com o estágio, no campo, ocorreu no dia 05 de agosto de 2021. A recepção de todos foi bastante calorosa, e a gestora da escola se mostrou extremamente solícita, informando-nos que estava à disposição para contribuir com o que fosse necessário. Ela nos forneceu documentos importantes, como o Projeto Político Pedagógico (PPP), que havia sido recentemente reelaborado, o mapeamento atual dos funcionários, tanto efetivos quanto contratados, e um panorama de como a escola estava organizada pedagogicamente. Além disso, disponibilizou os horários das turmas nos três turnos (matutino, vespertino e noturno), para que pudéssemos nos familiarizar com o novo sistema híbrido, que combinava aulas online e presenciais.

A gestora também nos explicou o sistema de rodízio adotado, no qual cada turma era dividida em grupos A e B, e os alunos alternavam a presença nos dias da semana. Isso nos permitiu entender melhor a dinâmica da escola e nos preparar para auxiliar no controle dos horários de troca e intervalos, trabalhando em conjunto com a gestão, já que esse período era experimental para todos.

Com o estágio, consegui perceber que a gestão escolar possui inúmeras facetas, não se limita apenas ao administrativo, também atua no pedagógico, garantindo a ordem no âmbito escolar, opera no financeiro e também no que diz respeito ao contexto do processo educacional.

A gestora Francisca Célia Chaves nos relatou que fez uma pós-graduação pela UFMA em gestão escolar, tendo como tema de monografia Projeto Político da Escola, trabalhou em cima da reformulação dele, e por diversas vezes ressaltou que a gestão da escola era de forma democrática, sendo tudo através do diálogo, em que as ações eram tomadas em conjunto com todos os membros da escola, alunos, pais e o envolvimento da comunidade.

Nesse sentido, Lück (2005) salienta que:

Ao se referir às escolas e sistemas de ensino, o conceito de gestão democrática envolve, além dos professores e funcionários, os pais, os alunos e qualquer outro

representante da comunidade que esteja interessado na melhoria do processo pedagógico (Lück, 2005, p.17).

Durante o período de estágio, acompanhamos reuniões de planejamento com os professores, coordenadas pela gestora adjunta Giovana Cordeiro Cardoso, reuniões essas divididas por áreas de conhecimento. As mesmas são realizadas quinzenalmente, e se o professor faltar a esse planejamento, ele obtém falta, pois o professor, segundo a gestora geral, tem por dever planejar. Nas reuniões, foram apresentados seus objetivos, sendo discutidos por cada professor os pontos positivos e negativos do retorno pelo formato híbrido, fazendo também o diagnóstico do corpo discente.

Dessa forma Lück (2009), nos diz que:

Planejar constitui-se em um processo imprescindível em todos os setores da atividade educacional. É uma decorrência das condições associadas à complexidade da educação e da necessidade de sua organização, assim como das intenções de promover mudança de condições existentes e de produção de novas situações, de forma consistente. O planejamento educacional surgiu como uma necessidade e um método da administração para o enfrentamento organizado dos desafios que demandam a intervenção humana. Cabe destacar também que, assim como o conceito de administração evoluiu para gestão, também o planejamento como formalidade evoluiu para instrumento dinâmico de trabalho (Lück, 2009, p. 32).

Podemos perceber então que existe uma necessidade de se fazer um planejamento, apresentando propostas por meio do coletivo para que possa ter uma melhoria na organização da escola. Deste modo, pode-se obter resultados positivos na formação dos alunos. É necessário, após esse planejamento, analisar se atingiu os resultados almejados e se houve alguma dificuldade para que assim possa realizar mudanças.

As dificuldades que foram encontradas pela gestão durante o estágio foram inicialmente de adaptação de rodízio de turmas e intervalos, devido ao cenário atual em que estamos vivendo decorrente da pandemia do coronavírus, foi proposto que as turmas teriam intervalos diferentes para que não houvesse aglomeração nos espaços da escola, percebemos que os professores tinham um enorme problema de ajuste, em alguns momentos tinha turma que ficava até trinta minutos sem nenhum professor, após isso foi orientado que voltassem aos horários regulares, para que os alunos não fossem lesados dessa forma.

Outro fator relevante que a gestão apresentou é relacionado à evasão escolar. Um dos trabalhos que realizamos durante o estágio na escola foi a busca ativa junto com a gestora. Em um primeiro momento, entramos em contato por meio de ligações ou mensagens pelo WhatsApp, depois realizamos visitas domiciliares para entender o porquê da ausência desse(a) aluno(a) na sala de aula. Entre os fatores da desistência desses alunos em frequentar as aulas está a parte financeira, pois com a pandemia as coisas tornaram-se mais difíceis, então passaram

a ser os provedores de seus lares. Outro motivo de evasão escolar foi o aumento de casos de gravidez na adolescência e, na maioria dos casos, de mães solo.

Em um determinado momento do estágio, surgiram casos de alunos com COVID-19. Foi desesperador, pois chegamos a ter contato com esses alunos. Mesmo utilizando máscaras e álcool em gel, e tentando manter o distanciamento, havia um enorme risco de contágio. Seguindo o protocolo, a escola suspendeu suas atividades e foi necessário que todos que tiveram contato com os alunos infectados fizessem exames. Recordo que só pensava no que fazer com minha filha, minha maior preocupação seria garantir a segurança dela. Sentia-me apreensiva com a possibilidade de transmitir o vírus a ela, e ao mesmo tempo, queria largar tudo e me isolar com ela novamente até que a pandemia de fato acabasse, pois acreditava que estava me expondo demais durante o estágio. Ao realizar o exame, o resultado foi negativo, o que foi um grande alívio, pois só assim também conseguiria concluir aquela etapa.

Por meio do estágio, obtive uma maior percepção da gestão escolar. A instituição tem uma enorme preocupação com o aprendizado dos alunos e, com isso, acaba criando laços afetivos com eles, tentando entender a realidade que cada um enfrenta. Diante desta realidade que o estágio me proporcionou na escola, podemos refletir sobre a importância desse processo educacional, que traz constantes mudanças e, juntamente com toda a equipe pedagógica, entre outros, enfrentar os novos desafios que o cenário pandêmico apresentava, sempre inovando e buscando soluções para se adequarem e proporcionarem condições de aprendizagem para os alunos, indo além do ambiente escolar.

Ao concluir esse processo do meu primeiro estágio supervisionado, enfrentei dificuldades na construção do relatório, pois ele era em formato memorial, e até então não estava familiarizada com esse tipo de escrita. Falar sobre si mesmo e trazer relatos de vivências foi desafiador.

No segundo semestre, no período de 2021.2, ainda contávamos com aula por meio do ensino remoto. Um marco importante foi durante a disciplina de Corporeidade e Educação, ministrada pela professora Karla Bianca Freitas de Souza Monteiro. Ao final da disciplina, tivemos uma aula prática e nisso levei minha filha comigo, ela já com 1 ano de idade. A aula iniciou-se na Brinquedoteca. Enquanto a professora ministrava a aula, minha filha se encantava com o ambiente, explorava os brinquedos e livros, como mostra a figura abaixo:

Figura 4: Loren Sophie(filha) na aula da disciplina de Corporeidade e Educação na Brinquedoteca



Fonte: Arquivo Pessoal (2021)

A experiência para ela no ambiente da brinquedoteca foi muito prazerosa, se concentrava bastante nas coisas que explorava. Logo após esse momento na brinquedoteca, fomos para o pátio próximo à cantina, onde realizamos algumas brincadeiras para movimentarmos nosso corpo, unindo a teoria à prática e mostrando a relevância da corporeidade. Quem aproveitou cada momento disso tudo foi Loren Sophie, estava fascinada com tudo aquilo, interagia com todos, para ela tudo era brincadeira e queria participar de tudo. Portanto, imagino o quão mais inclusiva a UFMA seria ao criar propostas que proporcionassem momentos como esse nos espaços da universidade para os filhos das discentes que não têm onde deixar seus filhos durante as aulas. Dessa forma, não seria estressante para a criança ficar junto da sua mãe em uma sala de aula e assim não atrapalharia de certa forma o andamento das aulas.

No decorrer do curso, enfrentei diversos desafios, tanto nas disciplinas quanto na maternidade. No início do ano de 2022, entre o final de janeiro e início de fevereiro, apresentei alguns problemas de saúde, e logo em seguida, minha filha também ficou doente. Após o surgimento da doença, eu tive que buscar forças para poder cuidar dela, mesmo também não estando bem. Foi um momento traumático; minha filha começou a apresentar problemas respiratórios, apresentou problema para respirar e dificuldade para se alimentar, não conseguia comer nada sólido, limitava-se apenas à amamentação. Após várias idas ao hospital sem melhora, decidi retornar em busca de um diagnóstico mais preciso e um tratamento adequado. Foi então que um médico levantou a suspeita de COVID-19 devido aos sintomas dela. Aquela possibilidade me desesperou, pois não estava preparada para enfrentar isso.

Após realizar o exame, veio a notícia temida: minha filha estava com COVID-19. O médico informou que a doença tinha deixado ela muito debilitada, o que me fez desabar em lágrimas. A doença tinha vitimado tantas pessoas e não queria que minha filha fizesse parte dessa estatística. Me apeguei muito a Deus, pedi oração pela cura dela e fui ouvida.

Esse evento traumático me trouxe mais inseguranças. Tinha crises de ansiedade constantes, pois o peso da maternidade solo tinha atingido seu ápice. Percebi o quão só estava, era só eu por ela. Cheguei a considerar desistir do curso de Pedagogia para me dedicar mais a ela, aproveitar mais da sua infância, uma vez que devido à correria mal tinha tempo para me dedicar a ela e não estava aguentando tanta pressão.

Refleti muito sobre permanecer no curso em meio a tantas lutas ou se era melhor optar por dar uma parada e voltar depois, pois para mim, com a pandemia, tive um aumento de ansiedade e estresse, estava esgotada fisicamente e mentalmente, mas novamente pensei sobre concluir logo o curso e dessa forma assegurar um futuro mais digno para minha filha. Era por ela. Assim, vieram os outros estágios, o da Educação Infantil e o dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, os quais consegui concluir mesmo com os percalços que surgiram nessa jornada. O de Educação Infantil foi ministrado pela professora Karla Bianca, e o dos Anos Iniciais pela professora Patrícia Alves Silva.

Em ambos os estágios, foram realizados encontros virtuais para a parte teórica e também para compreendermos como funcionariam esses estágios. No encerramento do Estágio Supervisionado dos Anos Iniciais era necessário apresentarmos como foi realizado o estágio, as dificuldades que tivemos e as atividades desenvolvidas na sala de aula. Essa apresentação ocorreu a noite de modo presencial na sala de Núcleo de Práticas da universidade. Nesse dia, não tive com quem deixar minha filha, então levei ela comigo. Foi um desafio, pois ela queria ficar interagindo com todos durante as apresentações, e também se movimentando na sala, e eu ficava com receio dela atrapalhar os outros. Durante a minha apresentação, a qual foi em dupla, ela não quis ficar com ninguém além de mim, então tive que apresentar o trabalho com ela no colo, como mostra a imagem a seguir.

Figura 5: Encerramento do Estágio dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, apresentação das atividades desenvolvidas durante esse período.



Fonte: Arquivo Pessoal (2022)

Ingressar e permanecer no curso de Pedagogia não foi fácil. Percorri inúmeros caminhos difíceis, e a combinação da maternidade com os estudos durante a pandemia dificultou ainda mais esse processo. A pandemia do novo coronavírus aumentou os desafios enfrentados pela maternidade solo ao cursar a educação superior, intensificando a sobrecarga tanto dos trabalhos universitários quanto das tarefas domésticas.

No entanto, ao longo do curso, percebi que cresci significativamente como sujeito em formação. Adquiri mais conhecimento e amadurecimento, e a maternidade fez com que me identificasse ainda mais com o curso. Passei a absorver tudo o que os professores ensinavam, não apenas para aplicar na sala de aula, mas também em casa, com minha filha.

O curso de Pedagogia trouxe e continua trazendo um significado profundo para minha trajetória. Ele fez uma diferença marcante na minha vida, permitindo me reinventar e perceber o quão transformadora a educação pode ser na vida do sujeito. E, ao me aproximar da conclusão desse ciclo acadêmico, surge um novo desafio: a construção do Trabalho de Conclusão de Curso, sobre o qual discorrerei no próximo capítulo.

3 UMA GESTAÇÃO DUPLA: MATERNIDADE X TCC

Com as mudanças ocorridas durante a pandemia, ocorreram alguns momentos difíceis, me vi tendo crises de ansiedade constantemente e lidando com inúmeras preocupações. Como resultado, meu desempenho acadêmico diminuiu significativamente, principalmente ao chegar na reta final da graduação e, com isso, aumentando a preocupação com a escrita do meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Para Veiga, Lemos e Garbin (2010, p.31) “o Trabalho de Conclusão de Curso sinaliza a possibilidade de o aluno consolidar ou aprofundar os conhecimentos acumulados durante a sua formação[...]”, é uma etapa crucial na vida do acadêmico, pois assim tem a oportunidade de aplicar e de expandir o conhecimento teórico por meio da prática e da pesquisa em um tema específico que tenha relação com sua área de estudo. E diante da importância dessa etapa, surgiu ainda mais a incerteza sobre minha capacidade de realizar esse trabalho naquele momento.

Em alguns momentos, me vi incapaz e frustrada, pois me matriculava na disciplina de monografia, mas apareciam tantos problemas que me impossibilitaram em manter o foco na escrita do TCC. Cheguei a reprovar em duas ocasiões, pois não consegui cumprir o prazo de entrega e defesa da monografia. Me desesperei diante da situação, temendo não conseguir concluir essa última etapa da graduação. Em encontros online com minha orientadora, professora Camila Rodrigues, ela tentou me ajudar e me aconselhou a cuidar mais de mim, tanto fisicamente quanto mentalmente. Ela falava para eu não me cobrar tanto, pois eu já estava no meu limite. Estava me sentindo tão pressionada que a escrita não fluía.

Já não bastava a dificuldade na escrita do TCC e os problemas pessoais que tinha que lidar, como ser mãe solo e ter que cuidar da minha filha, trabalho e afazeres domésticos, fui surpreendida em junho de 2023 com uma outra gravidez, mas desta vez não planejada. Não conseguia aceitar que aquilo estava acontecendo comigo, só enxergava a vinda desse novo bebê como um fardo, algo para frustrar meus objetivos. Fiquei emocionalmente abalada, chorava sempre, já imaginando ter que cuidar de um bebê sozinha novamente, mas dessa vez seriam duas crianças com quem teria que me preocupar. Fui muito criticada, julgada, a pressão em cima de mim era enorme, parecia como se fosse inaceitável para sociedade você ter filho que não seja dentro de um casamento, fugia de um padrão que era exigido pelos outros, pulei etapas aceitáveis “exigidos “para ser uma mulher exemplar, e assim passei a sofrer perseguição no trabalho, pois me viam como uma despesa a mais para a escola na qual estava trabalhando meio período pois ficaria ausente do trabalho durante a licença-maternidade, e eles não queriam ter que pagar alguém para não está indo na escola, sem contar que para eles eu não estava dentro

do padrão de pessoa com boa conduta na visão deles, uma vez que já era mãe solo, e ainda fui engravidar novamente não estando casada ou em um relacionamento sólido.

Diante de alguns fatores, como o medo de perder o curso de Pedagogia, por não concluir meu TCC, as dificuldades que estava passando no trabalho e imaginando como seria a questão financeira com mais uma criança, acabei sofrendo muito durante a gestação, as idas ao hospital eram frequentes, tive alguns sangramentos devido a muito estresse. Me encontrei também num quadro sério de depressão e ansiedade. Chegava no trabalho me tremendo, e às vezes me trancava no banheiro só para chorar. Consequentemente, não conseguia render em nada.

Me sentia culpada por não conseguir cuidar da minha filha mais velha devidamente, pois não estava bem emocionalmente, e me via como inútil, pois estava ainda presa ao Trabalho de Conclusão de Curso. O sonho do meu diploma parecia tão distante quando visualizava tudo que estava acontecendo naquele momento. A falta de uma rede de apoio aumentava minha insegurança em relação ao fato de se realmente daria conta de tudo mesmo.

No dia 28 de fevereiro de 2024, tive meu filho Liam por meio de um parto normal, ou anormal, melhor dizendo, tive algumas complicações no parto, sofri desmaios no pós-parto devido à hemorragia grave que tive. Fiquei bastante debilitada, durante um dos meus desmaios, fiquei sem recobrar a consciência por bastante tempo, o relato de todos era que quase não voltava, acordei deitada no chão em meio a uma poça de sangue, foi assustador.

Nesse período do puerpério, o foco era minha saúde, ficar bem, dessa forma fui adiando e deixando para um segundo plano a parte da vida acadêmica. Após 15 dias do nascimento do meu bebê, minha mãe me informou sobre a situação do meu filho. Na realização do parto, ele teve a clavícula fraturada. Minha mãe não queria me preocupar no início enquanto eu ainda estava me recuperando de tudo que passei, então só veio me informar sobre isso quando viu que eu já estava melhor. Como eu não tinha condições no início de cuidar dele adequadamente, não tinha observado isso. Depois de passar por uma consulta, a médica afirmou que ele realmente estava com a clavícula fraturada, mas solicitou também um exame de raio-x para esclarecer quaisquer dúvidas. Foi confirmada a fratura, eu que já estava bastante sensível com tudo que havia acontecido, depois dessa notícia, fiquei ainda mais fragilizada.

Relatei minha situação para minha orientadora, pois ela queria saber se tinha condições de defender o TCC. Infelizmente, mesmo tendo ou não condição, essa seria minha última matrícula, não conseguia ver nenhum outro meio de adiar mais ainda, e também não queria. A partir desse momento, eu e minha orientadora buscamos outras alternativas. Tentamos solicitar à instituição uma prorrogação do prazo para a defesa, enviando um e-mail no qual enfatizamos que eu estava enfrentando desafios além da universidade e que, no momento, não possuía

material mínimo para a defesa, nem condições para produção acadêmica, devido a problemas de saúde física e psicológica. No entanto, fomos informadas de que não havia qualquer informação referente à alteração do Calendário Acadêmico em virtude da greve em andamento. Portanto, não havia como estender o prazo para mim. Uma possibilidade seria o trancamento do curso, porém o prazo já havia encerrado, e a alternativa para conseguir isso seria muito burocrática e sem retorno de resultado positivo esperado. Diante disso, a solução encontrada foi transformar meu trabalho de conclusão em um memorial, mudando completamente a abordagem inicial. Como já estava mais familiarizada com o formato de memorial durante a escrita dos relatórios do Estágio Supervisionado, sentia-me mais segura para construir meu trabalho, incorporando minhas vivências acadêmicas no contexto da maternidade.

A falta de tempo e o cansaço constante dificultaram muito este processo de escrita. Comecei a perceber que a realização de um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) e a maternidade são desafios significativos na vida de uma mulher, ambos exigem bastante tempo, uma enorme dedicação e energia que nem sempre tinha. Conciliar ambos com as demais responsabilidades requer inúmeros sacrifícios.

Nos dois primeiros meses de vida do meu bebê, consegui contar com a ajuda da minha mãe, porém depois dos dois meses minha mãe teve que retornar para a cidade onde mora atualmente. Então tive que me adaptar e tentar organizar tudo, cuidados dos filhos, casa, trabalho e o TCC. Com a greve dos professores das instituições federais, que ocorreu no início do ano de 2024 em todo o país, mais precisamente em abril, ocorreram inúmeras mudanças. Uma dessas mudanças foi a alteração no calendário acadêmico da UFMA (Universidade Federal do Maranhão), que prorrogou o prazo para a entrega e defesa do TCC. Desta forma, me senti mais aliviada, pois estava trabalhando com um curto prazo, e aquele medo do fracasso, por não conseguir terminar a tempo, estava pairando sobre mim constantemente. Embora o sonho de conseguir me formar seja grande, para assim conseguir propiciar um futuro melhor para meus filhos e meus pais, admito que a vontade de desistir dos estudos em decorrência do cansaço e das dificuldades soava muito tentadora. Viana (2016. p.27) sobre a dificuldade entre o ser mãe e estudante ressalta que:

Uma das dimensões da vida da mulher é a de estudante. Entretanto, quando o ser estudante coincide com o ser mãe, essa condição pode ser extremamente complicada de ser vivida. Isso acontece, entre muitos fatores, porque as instituições não parecem estar preparadas para lidar com essa situação.

Portanto, a mãe solo na universidade tem sua permanência marcada por vários desafios significativos, conseguir conciliar as responsabilidades acadêmicas com as dos filhos, além

disso, tem também a falta de suporte da instituição e as dificuldades socioeconômicas. Esses elementos necessitam de políticas públicas e também de programas de apoio voltados para assegurar a inclusão e permanência dessas estudantes na educação superior.

Nesse contexto, o Ministério da Educação (MEC) realizou um encontro, no dia 26 de janeiro de 2024, com o Grupo de Trabalho (GT) através da Secretaria de Educação Superior (Sesu), grupo este criado com a finalidade de realizar os estudos técnicos relacionados à Política Nacional de Permanência Materna nas Instituições de Ensino Superior (IES). A criação desse GT se deu pela Portaria n. 2.005/2023 do MEC e os membros foram designados pela Portaria n. 39/2023. Discutiu-se durante o encontro a realidade das mães universitárias e foram apresentadas algumas contribuições e o que era almejado para a criação dessa política pública.

O esperado era que essa política pública de Permanência Materna fosse implementada até o final do governo atual, fazendo com que seja ampliado o acesso e garantida a permanência dessas mães nas universidades tanto na graduação quanto na pós-graduação (BRASIL, 2024).

Para a surpresa de muitos no dia 17 de Julho de 2024, o governo sancionou segundo o site do Senado Federal a Lei nº 14.925, lei esta que :

Dispõe sobre a prorrogação dos prazos de conclusão de cursos ou de programas para estudantes e pesquisadores da educação superior, em virtude de parto, de nascimento de filho, de adoção ou de obtenção de guarda judicial para fins de adoção; e altera a Lei nº 13.536, de 15 de dezembro de 2017, para disciplinar a prorrogação dos prazos de vigência das bolsas de estudo (Brasil, 2024).

A nova lei faz com que instituições de educação superior tenham obrigação de garantir a continuidade do atendimento educacional, e que sejam necessários ajustes nos prazos administrativos tanto para os estudantes quanto para pesquisadores que passam por um parto, nascimento de filho, adoção ou obtenham guarda judicial com fins de adoção. A conclusão de disciplinas, a entrega de trabalhos finais, as sessões de defesas e publicações exigidas fazem parte dos prazos que podem ser prorrogados. Um ponto importante nessa mudança é que a garantia de prorrogação de prazos acadêmicos também se aplica a estudantes que tenham filhos ou sejam responsáveis por criança ou adolescente hospitalizado por mais de 30 dias, sendo que, nesses casos, o prazo é equivalente ao tempo de internação.

Com essa nova lei, houve alterações na Lei nº 13.536/2017, onde passa a estabelecer um prazo maior nas bolsas de estudos, tendo a duração mínima de 12 meses, podendo ser prorrogadas por até 180 dias em casos de parto, adoção ou guarda judicial com a finalidade de adoção. A lei também prevê a possibilidade de prorrogação em casos de gravidez de risco ou quando a pesquisa possa trazer riscos para a gestante ou o feto. Para internações pós-parto que

ultrapassem duas semanas, a prorrogação é contada a partir da alta hospitalar da mãe ou do recém-nascido. Para casos de pais atípicos (que tenham criança ou adolescente com alguma deficiência), será garantido o benefício pelo dobro do tempo.

Embora neste momento não necessite desse benefício, vejo essa lei como uma conquista significativa para mim, como mãe e estudante. Saber que há avanços que permitirão que futuras mães acadêmicas, ao ingressarem na educação superior ou ao decidirem realizar alguma pós-graduação, possam permanecer, mesmo diante dos desafios que essa jornada impõe, é uma realização.

Após passar por inúmeras dificuldades e enfrentar momentos em que duvidei de mim mesma, surgindo em algumas ocasiões a vontade de desistir, acreditando que não conseguiria, estou agora encerrando este ciclo acadêmico. A construção deste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) foi, por vezes, comparável ao parto de uma criança, como se eu tivesse vivenciado uma gestação dupla. Pois foi um processo longo, cheio de incertezas e sofrido, mas, mesmo duvidando de minha capacidade, achando que não daria conta, consegui superar os obstáculos.

Ser mãe e desenvolver um TCC é um enorme processo que demanda tempo, apoio, uma rede de suporte, desafios emocionais, autocuidado, conquistas e recompensas. Na maternidade, é essencial saber administrar o tempo para cuidar das necessidades básicas do filho. Já na elaboração do TCC, é preciso planejar bem o tempo para se aprofundar na pesquisa, na escrita, revisar o trabalho e cumprir os prazos estabelecidos pela universidade. Nesse contexto, o apoio e a rede de suporte são fundamentais. Contar com alguém para ajudar a dividir responsabilidades é imprescindível para que seja possível dedicar-se ao bebê e a si mesma. No caso do TCC, ter um orientador comprometido, além de colegas e amigos para trocar ideias e buscar apoio emocional, faz toda a diferença durante o processo de pesquisa e escrita.

Conseguir lidar com as emoções intensas que acompanham a maternidade não é fácil. As preocupações com a saúde do bebê, a adaptação a uma nova rotina e o equilíbrio entre vida pessoal, profissional e acadêmica são desafiadores. No TCC, enfrenta-se o estresse e a pressão de produzir um trabalho acadêmico de qualidade, ter que encarar os bloqueios de escrita, realizar as revisões necessárias e lidar com a expectativa de que consiga finalizar o trabalho e alcançar um bom resultado após tanto esforço. Para isso, o autocuidado é muito importante tanto na maternidade quanto durante a elaboração do TCC. Encontrar tempo para cuidar de si mesma, mesmo em raros momentos, é de suma importância para que consiga lidar com a maternidade de forma saudável e equilibrada. Reconhecer a necessidade de ajuda profissional quando necessário, nesse processo, foi algo que considerei diversas vezes. No caso do TCC, o

autocuidado durante a escrita e pesquisa facilita a manutenção do foco e da produtividade, prevenindo o esgotamento mental e emocional, algo que experimentei algumas vezes.

Entretanto, por mais desafiador que seja, as conquistas e recompensas chegam. Experienciar a alegria e o amor incondicional ao ver seu filho crescer e alcançar marcos de desenvolvimento ao longo do tempo é incomparável. O mesmo pode ser dito sobre o TCC: a sensação de realização ao concluir todo aquele trabalho árduo, fruto de tanta dedicação, não tem preço.

Em suma, conciliar a maternidade e o TCC pode parecer conflituoso em alguns momentos, mas muitas mulheres conseguem encontrar maneiras de integrar esses aspectos tão relevantes de suas vidas, criando experiências gratificantes e enriquecedoras, tanto no âmbito pessoal quanto no acadêmico.

Por fim, houve momentos em que me senti frustrada, um fracasso, convencida de que não conseguiria concluir este trabalho. No entanto, ao olhar para trás e ler o relato da minha trajetória até aqui, percebo o quanto amadureci. A força que veio com a maternidade despertou em mim a vontade de enfrentar as barreiras que poderiam me limitar e inviabilizar minha luta como mulher, mãe, estudante e, em breve, pedagoga.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização da escrita deste presente trabalho não foi fácil. Rememorar acontecimentos e narrá-los foi muito significativo, contribuindo de maneira relevante para a minha formação. Esse processo possibilitou uma reflexão e análise ao narrar os fatos vivenciados ao longo da minha trajetória de vida, evidenciando os obstáculos enfrentados ao conciliar a maternidade com a vida acadêmica.

Por meio deste trabalho autobiográfico, o memorial, tive a possibilidade de relembrar momentos marcantes da minha vida, em especial aqueles vividos ainda na infância. O percurso que percorri até chegar aqui foi repleto de desafios e superações. Recebi um grande suporte de familiares, amigos e professores, cujas relações foram fundamentais para a pessoa que me tornei. Essas interações foram essenciais para meu crescimento e desenvolvimento, ajudando-me a enfrentar as dificuldades e a alcançar meus objetivos.

O meu ingresso na Universidade Federal do Maranhão foi a realização de um sonho e a concretização do desejo dos meus pais de que seus filhos tivessem uma boa formação acadêmica e não desistissem dos estudos, e eu consegui realizar esse desejo deles. Vivenciar a experiência de ser estudante e mãe ao mesmo tempo foi um desafio para o qual eu não estava preparada, especialmente em meio a uma pandemia global. O mundo inteiro ainda estava sem saber como lidar com a doença denominada Coronavírus (Covid-19).

A adaptação à minha nova vida, equilibrar a maternidade e a vida acadêmica, e enfrentar uma pandemia, foi extremamente complicada. Todos foram pegos de surpresa por esse vírus; a universidade e os professores não estavam preparados para a nova realidade. Foi necessário passar por uma rápida transição do ensino presencial para o remoto, o que expôs as dificuldades e desafios de adaptar práticas educacionais tradicionais a novos contextos digitais. Para mães e estudantes, a tarefa foi ainda mais complexa, pois a criança não entende que a mãe precisa desempenhar outras funções. Além dos cuidados com o filho, havia as atividades e aulas online da universidade. Esse período exigiu muito mais dos discentes, com demandas maiores para a realização das atividades, além do cansaço acrescido de passar horas exposto às telas, tornando as aulas ainda mais exaustivas.

Enfrentar a maternidade solo trouxe muitas incertezas sobre se eu estava no caminho certo. A árdua jornada de conciliar a maternidade com a vida acadêmica e outras responsabilidades frequentemente me fez pensar em desistir, pois me senti saturada. A falta de uma rede de apoio tornou tudo ainda mais difícil, aumentando a sobrecarga e transformando cada tarefa em um fardo.

O retorno das atividades no formato híbrido foi particularmente difícil para mim. Sem uma rede de apoio e sem ter com quem deixar minha filha, realizar as atividades presenciais tornou-se um grande desafio. Muitas vezes, precisei levá-la comigo, pois não havia outra opção. Nesse contexto, a Universidade Federal do Maranhão mostra não estar totalmente preparada para atender às necessidades dessas mães. Muito ainda precisa ser feito. É necessário que a universidade elabore políticas que garantam não apenas o acesso, mas também a permanência das mães nos cursos. Essas mulheres necessitam ser amparadas, se sentir acolhidas, ter apoio e compreensão.

A política de assistência estudantil, com auxílio-creche e outras bolsas, influencia de forma positiva a vida dessas mulheres, proporcionando um suporte maior para que permaneçam no curso. No entanto, seria essencial também investir na criação e adaptação dos espaços físicos na universidade para receber essas mães e seus filhos, como a disponibilização de um fraldário e uma sala de amamentação. A universidade, como já mencionado neste memorial, possui uma brinquedoteca, seria interessante que esse espaço pudesse ser utilizado para atender essas crianças enquanto as mães estão realizando atividades em sala de aula. Além disso, deve-se destacar a necessidade urgente para a criação de creches.

Recentemente, houve um avanço na legislação que garante um período mais longo de licença-maternidade para mães-estudantes e pesquisadoras, além de prorrogar os prazos de conclusão de cursos para mães e pais. Embora esse progresso seja significativo, ainda há muito a ser feito para garantir que essas mães possam permanecer na universidade, além disso, consigam concluir o curso. Portanto, é crucial oferecer um suporte abrangente para essas mães-estudantes, que deve incluir não apenas assistência pedagógica, mas também apoio psicológico. Esse suporte é essencial para que eles possam buscar saúde mental e superar inseguranças, criando um ambiente mais favorável ao seu desenvolvimento acadêmico e pessoal.

Assim, com a implementação dessas medidas, poderemos promover uma universidade mais inclusiva e acessível, permitindo que as mães estejam mais confiantes em lidar com os conflitos da vida acadêmica e a maternidade.

Neste momento decisivo da minha trajetória acadêmica, desejo conseguir atingir meu objetivo e conquistar meu tão almejado diploma, dar orgulho aos meus pais que não conseguiram ter a mesma oportunidade de estudo que eu, e, ao mesmo tempo, poder proporcionar uma vida melhor para meus filhos.

Narrar os relatos deste trabalho me faz lembrar da minha última gestação, uma experiência marcante e desafiadora. Assim como a gestação, o processo de escrita deste trabalho foi uma jornada intensa, que eu costumo chamar de minha "dupla gestação". Ambos

foram processos sofridos, repletos de dificuldades e incertezas. No entanto, assim como no nascimento de um filho, o final trouxe uma profunda satisfação. Concluir este trabalho é como dar à luz a um sonho, concretizando uma realização pessoal e acadêmica que torna todo o esforço plenamente recompensador.

Durante o longo e intenso percurso de construção deste memorial, consegui refletir sobre as experiências vivenciadas ao conciliar maternidade com a vida acadêmica, analisando os desafios enfrentados ao equilibrar as demandas da universidade com as responsabilidades maternas. Além disso, também pude refletir sobre a necessidade da universidade adotar medidas que possam acolher essas mães-estudantes e seus filhos. Embora o processo seja exaustivo e desafiador, é possível realizar nossos sonhos, mesmo quando pode parecer extremamente difícil.

Desejo que mais avanços nas políticas públicas continuem a focar não apenas no acesso, mas também na permanência e na conclusão dos cursos por parte dessas mulheres. Destaco a importância de implementar estratégias que acolham essas mães-estudantes e suas especificidades, proporcionando uma jornada universitária de qualidade e sucesso, mesmo com inúmeras responsabilidades.

Espero que novos relatos e debates sobre o tema surjam, abordando questões como o direito a creches na universidade e a necessidade de infraestrutura adequada que ofereça um ambiente confortável e seguro para essas mães. Ao concluir este memorial, é evidente que a jornada acadêmica para mães e estudantes é repleta de desafios únicos que exigem resiliência, planejamento e apoio.

Por fim, o memorial não apenas trouxe uma reflexão sobre as dificuldades enfrentadas ao conciliar a maternidade com a vida acadêmica, mas também ressaltou a importância de políticas educacionais inclusivas que considerem as necessidades específicas dessas mulheres. Reconhecer e abordar essas necessidades é essencial para promover um ambiente acadêmico mais justo e acessível, garantindo que todas as mães possam perseguir seus sonhos e alcançar seus objetivos.

REFERÊNCIAS

ALVES, Gislene de Araújo. "Narrativas de si: reflexões teórico-metodológicas da pesquisa (auto) biográfica como abordagem de investigação e formação docente." *Anais Colóquio Internacional Educação, Cidadania e Exclusão: Didática e Avaliação*, 4., 2015. 4, Rio de Janeiro. **Anais eletrônicos** [...]. Rio de Janeiro: UERJ, 2015. p. 1-9. Disponível em: https://memoria.ifrn.edu.br/bitstream/handle/1044/416/NARRATIVAS%20DE%20SI_%20REFLEX%3%95ES%20TE%3%93RICOMETODOL%3%93GICAS.pdf?sequence=1&isAllowed=y . Acesso em: 30 maio 2024.

ALVES, Leonardo Meireles. **Gamificação na educação**: aplicando metodologias de jogos no ambiente educacional. Joinville: Clube dos Autores, 2018.

AQUINO, Júlio R. Groppa. **A desordem na relação professor-aluno: indisciplina, moralidade e conhecimento**. In. J. R. G. AQUINO (Org.) *Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas*. São Paulo: Summus editorial, 1996.

BRASIL. **Lei nº 14.925, de 17 de julho de 2024**. Dispõe sobre a prorrogação dos prazos de conclusão de cursos ou de programas para estudantes e pesquisadores da educação superior, em virtude de parto, de nascimento de filho, de adoção ou de obtenção de guarda judicial para fins de adoção. Brasília : Presidência da República, 2024. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2023-2026/2024/lei/114925.htm Acesso em: 23 jul.2024

FRISON, Lourdes Maria Bragagnolo. SIMÃO, Ana Margarida da Veiga. Abordagem (auto)biográfica - narrativas de formação e de autorregulação da aprendizagem reveladas em portfólios reflexivos. **Educação**, Porto Alegre, v. 34, n. 2, p. 198-206, 2011. Disponível em: < <https://revistaseletronicas.pucrs.br/faced/article/view/8705> > Acesso em: 20 fev. 2024

JOSSO, Marie-Christine. A transformação de si a partir da narração de histórias de vida. **Educação**. Porto Alegre/RS, ano XXX, n.3, (63), p.413-438, set./dez., 2007. Disponível em: https://wp.ufpel.edu.br/gepiem/files/2008/09/a_tranfor2.pdf Acesso em: 10 jan. 2024

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **O jogo e a educação infantil**. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1994.

LÜCK, Heloísa. A gestão pedagógica da organização curricular com foco na superação da distorção idade-série. **Gestão em Rede**, n. 62, p. 10 – 14, junho, 2005.

LÜCK, Heloísa. **Dimensões de gestão escolar e suas competências**. Curitiba: Editora Positivo, 2009.

NÓVOA, António. **O professor pesquisador e reflexivo**. Disponível em <http://www.tvebrasil.com.br/SALTO/entrevistas/antonio_novoa.htm>. Entrevista cedida em 13 set. 2001: Acesso em: 22 jan.2024.

OLIVEIRA, Franciele da Silva. **Maternidade e vida acadêmica: memórias e narrativas de mães universitárias**. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Faculdade de Pedagogia, Campus Universitário de Castanhal , Universidade Federal do Pará,

Castanhal, 2022. Disponível em: <https://bdm.ufpa.br:8443/jspui/handle/prefixo/5361> . Acesso em: 04 mar. 2024.

OLIVEIRA, José Leite de. *Texto acadêmico: técnicas de redação e de pesquisa científica*. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

OLIVEIRA, Muriel Batista de et al. O ensino híbrido no Brasil após pandemia do Covid-19. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v. 7, n. 1, p. 918-932, 2021. Disponível em: <https://www.brazilianjournals.com/index.php/BRJD/article/view/22597/18090>. Acesso em: 15 abr.2024.

PASSEGGI, Maria da Conceição. A experiência em formação. **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 34, n. 2, p. 147-156, maio/ago. 2011.

PIMENTA, Selma Garrido. LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e docência**: diferentes concepções. *Revista Poíesis -Volume 3, Números 3 e 4*, p.5-24, 2006.

PRADO, Guilherme do Val Toledo; SOLIGO, Rosaura. Memorial de formação: quando as memórias narram a história da formação. In: PRADO, Guilherme do Val Toledo; SOLIGO, Rosaura (Org.). **Porque escrever é fazer história**: revelações, subversões, superações. Campinas, SP: Graf, 2005. Disponível em: https://www.fe.unicamp.br/drupal/sites/www.fe.unicamp.br/files/pf/subportais/graduacao/proesf/proesf_memoriais13.pdf Acesso em: 15 jun. 2024.

RECH, G. Z.; PESCADOR, C. M. Ensino remoto em tempos de pandemia: COVID-19 suas implicações na interação professor-estudante - uma perspectiva freireana. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 17, n. esp.2, p. 1264–1278, 2022. DOI: 10.21723/riaee.v17iesp.2.16075. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/16075>. Acesso em: 3 fev. 2024.

UFMA. **Editais Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência-PIBID**. PROEN, 2020. Disponível em: <http://www.ufma.br/portalUFMA/editais/F5va3grSD9a1VSh.pdf> Acesso em: 10 maio de 2024.

UFMA. **RESOLUÇÃO Nº 2.078-CONSEPE, 17 de julho de 2020**. Regulamenta o Ensino Emergencial Remoto e/ou Híbrido na UFMA durante período de pandemia do novo Coronavírus (SARS-COV-2/COVID-19), 2020.

UFMA. **PORTARIA GR Nº 190/2020**. Dispõe sobre ações a serem realizadas no âmbito da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), em virtude da situação decorrente do Coronavírus (SARS-COV-2/ COVID-19) [...], 2020.

VASCONCELOS, Rebecca Schirmer de Souza. **Os jogos pedagógicos como potencializadores na alfabetização de crianças entre 5 e 6 anos**. Anais do XII Jogo do Livro e II Seminário Latino-Americano: Palavras em Deriva, Belo Horizonte, 2018. Disponível em : <https://www.ceale.fae.ufmg.br/files/uploads/xii%20jogo%20do%20livro/ANAIS%20parte%201/OS%20JOGOS%20PEDAG%3%93GICOS%20COMO%20POTENCIALIZADORES%20NA%20ALFABETIZA%C3%87%C3%83O%20DE%20CRIAN%C3%87AS%20ENTRE%205%20E%206%20ANOS.pdf> Acesso em: 15 maio.de 2024.

VEIGA, Ilma Passos A.; LEMOS, Marlene Emília P. de.; GARBIN, Neuza. Trabalho de conclusão de curso: tempo-espaço formativo. **Universitas Humanas. Brasília**, v. 7, n. 1/2, p. 29-53, jan./dez. 2010.

VIANA, Catherine Alessa Maria de Novaes. **Educação e maternidade: minha experiência como estudante-mãe no curso de Pedagogia na Universidade de Brasília**. (Trabalho de conclusão de curso). Universidade de Brasília-UNB. Brasília, DF, Brasil, 2016.